

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

VANESSA BISERRA PEREIRA

**DA MEMÓRIA À HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO GRUPO DE
BACAMARTEIROS DO MUNICÍPIO DE INHAPI – AL**

DELMIRO GOUVEIA - AL

2022

VANESSA BISERRA PEREIRA

**DA MEMÓRIA À HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO GRUPO DE
BACAMARTEIROS DO MUNICÍPIO DE INHAPI – AL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Farias Silva

DELMIRO GOUVEIA - AL

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

VANESSA BISERRA PEREIRA

DA MEMÓRIA À HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO GRUPO DE BACAMARTEIROS DO MUNICÍPIO DE INHAPI – AL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito para obtenção de título de Licenciada em História, aprovado em 16/11/2022.

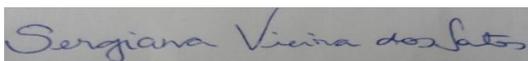
Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 SHEYLA FARIAS SILVA
Data: 25/11/2022 18:45:44-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Sheyla Farias Silva- UFAL (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 LUANA TIEKO OMENA TAMANO
Data: 18/11/2022 11:48:03-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Luana TiekO Omena Tamano - UFAL



Profa. Me. Sergiana Vieira dos Santos – UFAL/SEMED Delmiro Gouveia

RESUMO

Este artigo apresenta uma breve análise sobre a tradição do Bacamartismo no município de Inhapi, sertão alagoano. Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo conhecer a origem da tradição no país, compreender de que maneira esse folguedo foi introduzido no município, bem como registrar as lembranças e vivências ainda presentes na memória dos brincantes. Para isso, utilizou-se um levantamento bibliográfico do que foi produzido sobre a temática e de forma metodológica adotou-se a pesquisa de campo, com abordagem qualitativa por meio da História Oral. Entre os livros utilizados estão o *Bacamarte, Pólvora e Povo* (2018) do pesquisador Olímpio Bonald Neto e a obra *Inhapi: cidade da gente* (2020), produzido por professoras da rede pública municipal. Dessa forma, obtivemos êxito na concretização dos objetivos e o conteúdo produzido contribui para que esse folguedo tenha maior visibilidade entre os brasileiros e, principalmente, entre os alagoanos.

PALAVRAS-CHAVES: Bacamarteiros; História Oral; Inhapi; Manifestação Cultural; Tradição.

ABSTRACT

This article presents a brief analysis of the tradition of Bacamartism in the municipality of Inhapi, Alagoas hinterland. In this sense, the research aims to know the origin of the tradition in the country, understand how this followed was introduced in the municipality, as well as record the memories and experiences still present in the memory of the players. For this, a bibliographical survey of what was produced on the subject was used and methodologically, field research was adopted, with a qualitative approach through Oral History. Among the books used are *Bacamarte, Pólvora e Povo* (2018) by researcher Olímpio Bonald Neto and the work *Inhapi: Cidade da Gente* (2020), produced by teachers from the municipal public network. In this way, we were successful in achieving the objectives and the content produced contributes to this follower having greater visibility among Brazilians and, mainly, among people from Alagoas.

KEYWORDS: Bacamarteiros; Oral History; Inhapi; Cultural Manifestation; Tradition.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 O MUNICÍPIO	7
3 O SURGIMENTO DA ARMA E DOS GRUPOS DE BACAMARTEIROS	8
4 A TRAJETÓRIA DOS BACAMARTEIROS DE INHAPI – AL.....	12
4.1 A FABRICAÇÃO DA PÓLVORA.....	18
4.2 AUTORIZAÇÃO PARA USO DE ARMA DE FOGO	20
4.3 VESTIMENTA.....	21
4.4 PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES	22
4.5 ACIDENTE DURANTE A DIVERSÃO	23
4.6 FIM DO GRUPO DE BACAMARTEIROS DE INHAPI E A NECESSIDADE DE PRESERVAÇÃO DA TRADIÇÃO.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

O Bacamartismo¹ é um folguedo presente nos festejos juninos da região Nordeste, que consiste em efetuar disparos de pólvora seca, de forma espetaculosa, utilizando um bacamarte. Em geral, essa manifestação cultural é expressa por um grupo de pessoas vestidas com calça e camisa fabricadas com um tecido rústico denominado de zuarte², lenço em volta do pescoço e chapéu de couro ou palha. O grupo é chefiado por um comandante que coordena as apresentações.

O presente artigo tem como objetivo principal conhecer a origem do Bacamartismo, compreender de que maneira esse folguedo foi introduzido no município de Inhapi – AL, bem como registrar as lembranças e vivências ainda presentes na memória dos brincantes.

A metodologia utilizada constituiu em um levantamento bibliográfico realizado através do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, Repositório da Universidade Federal de Alagoas – UFAL e do Google Acadêmico. Entre os livros utilizados estão o *Bacamarte, Pólvora e Povo* (2018) do pesquisador Olímpio Bonald Neto e a obra *Inhapi, cidade da gente* (2020) produzido por professoras da rede pública municipal.

Além das fontes bibliográficas, utilizei-me da pesquisa de campo, com abordagem qualitativa de caráter exploratório, realizado por meio da História Oral Temática como procedimento para coletar dados. Como determina Meihy e Holanda (2007):

A história oral é um recurso atento ao uso do conhecimento da experiência alheia, que se organiza com nítida vocação para a essência de trajetórias humanas. Muito menos preocupada com os enquadramentos técnicos, metodológicos ou científicos em geral, a aquisição de entrevistas como maneira de registrar, contar ou narrar, entender ou considerar casos se aproxima mais das estratégias ficcionais do que propriamente ao registro metódico exigido pelos demais procedimentos acadêmicos (MEIHY E HOLANDA, 2007, p. 73).

A origem da pesquisa adveio do fato de sua autora nunca ter assistido a uma apresentação dos grupos de bacamarteiros, apesar de ser neta de José Lopes Biserra, conhecido como “Zé do bar”, que foi um dos participantes do grupo de bacamarteiro inhapiense. Para subsidiar a discussão foram utilizados pesquisadores do assunto como Olímpio Bonald Neto,

¹ Termo utilizado pelo pesquisador Olímpio Bonald Neto, no livro: *Bacamarte, Pólvora e Povo* (2018), para caracterizar a prática daquele que atira com bacamarte.

² De acordo com o Dicionário Aulete trata-se de um tecido de algodão encorpado e tosco, algumas vezes mesclado, originalmente de cor azul ou preta.

George Michael Alves de Lima, Estêvão Amaro dos Reis e Paula Bezerra da Silva. Sobre métodos e História Oral foram utilizadas as contribuições de José Carlos e Fabíola Holanda.

Considerando que o Brasil é um país rico em acervo cultural, é de fundamental importância conhecer e transmitir legado, para que possamos compor a identidade de cada região. É por meio das manifestações culturais que preservamos as tradições e costumes de uma sociedade. A diversidade na região Nordeste é extensa, pois apresenta costumes dos mais diversos povos.

Visando abordar a problemática do surgimento do grupo de Bacamarteiros do Inhapi/AL, esse trabalho justifica-se por contribuir com referências para a literatura, bem como na divulgação da temática que, por ser pouco explorada, mostra-se importante para que esse folgado tenha maior visibilidade entre os brasileiros e principalmente entre os alagoanos. A proposta de divulgação das imagens é uma maneira de homenagear aqueles que participaram do folgado e contribuir para a sobrevivência e preservação.

2 O MUNICÍPIO

Localizado no semiárido alagoano, a cidade de Inhapi fica a 270km da capital do estado. Antes de sua emancipação, em 22 de agosto de 1962, a localidade era conhecida por Sítio Roçado e fazia parte do município de Mata Grande - AL.

O nome do município é de origem indígena, quando o município ainda não era povoado existia um lugar de pedra "lajedo" na Lagoa Inhapi, neste lajedo era cheio de locas, nelas juntava água da chuva, quando chovia. Lá havia vivido índios e nas pedras existiam símbolos escritos. O Sr. Valfredo Lisboa Prudente Guerra, já falecido, grande comerciante, tinha conhecimento da língua indígena e de Geografia, fez a leitura dos símbolos e descobriu que os índios chamavam Inha: de água e Pi: de pedra assim originou Inhapi e segundo a tradição local e de alguns historiadores significa "buraco na pedra", nome este relacionado a "Lagoa Inhapi" que tem como característica "Água sobre Pedra" (OSCAR, 2020, p. 09).

Segundo Oliveira (2019), por volta de 1883, o indigenista Ancelmo Bispo de Souza e seus familiares saíram da aldeia Brejo dos Padres, pertencente ao povo Pankararu em Pernambuco, em busca de um novo lugar para viver. Ao se firmarem na região, passaram a chamá-la de "roçados", por conta da terra fértil. Com o passar do tempo, a família de Ancelmo foi se expandindo na localidade, formando assim, lugarejos denominados de Roçado, Baixa Fresca e Baixa do Galo.

Em conformidade com Oliveira et al. (2020), o povoamento iniciou-se após a construção de uma capela erguida por José Miguel, este por sua vez, encontrava-se com a esposa doente e

ao passar pelas terras, a enferma veio a óbito embaixo de uma árvore e ali foi enterrada. Há algum tempo após o falecimento, José Miguel retornou ao local e edificou uma capela. O lugarejo teve a primeira residência erguida em 1902, época que o território era de propriedade da família Moreira, que se instalou nas terras após construir uma fazenda. Posteriormente Margarida Vieira, detentora de posses, também fixou residência.

Além da construção da capela, outra hipótese para a construção foi o medo de Virgulino Ferreira, o Lampião. (...) Na época, quando atacava Mata Grande, muitos moradores à procura de sossego saíam de sua cidade e seguiam para o roçado, em busca de uma nova vida, visando construir suas casas para viver em paz. (OLIVEIRA et al., 2020, p. 45).

A primeira feira livre foi realizada em 1917 e conforme o povoamento crescia, a notícia se espalhava pela região circunvizinha, fazendo com que outras pessoas migrassem para a localidade. Então, em virtude do crescimento populacional, o Sítio Roçado emancipou-se de Mata Grande – AL e tornou-se no município de Inhapi. As regiões denominadas de Roçado, Baixa Fresca e Baixa do Galo, somente foram reconhecidos como aldeias, quando “em 2001 os descendentes de Ancelmo Bispo e seus primos decidiram se organizar para reivindicar o reconhecimento do povo indígena, os Koiupanká.” (OLIVEIRA et al., 2020, p. 47).

3 O SURGIMENTO DA ARMA E DOS GRUPOS DE BACAMARTEIROS

A origem do bacamarte é uma questão incerta. Conforme enfatiza Silva (2010):

Apesar de ter se tornado muito popular entre os nordestinos, não se sabe exatamente se é uma arma originalmente brasileira ou como ela chegou até a nossa região. Alguns historiadores defendem que o bacamarte é originário do Clavinote holandês do séc. XVII ou na Granadeira do Sistema Minié francês, de meados do séc XIX. As granadeiras ou riúnas que serviram na Guerra do Paraguai, em 1865, sofreram mutilações que as adaptaram ao uso dos bacamarteiros, e o tipo de munição também foi mudado. Para o uso na guerra ou na caça era usado chumbo, para as apresentações que acontecem atualmente é usada pólvora, que produz mais barulho e fumaça. (SILVA, 2010b, p. 32-34).

O bacamarte é uma arma de fogo que é alimentada pela boca e pode ter cano curto ou longo, também conhecido no Nordeste como “bacamarte boca-de-sino, reiúna, reúna, riúna e granadeira” (BONALD NETO, 2018, p. 23). A variedade existente se dá pelo fato de ser uma arma de fabricação artesanal.

Figura 01: Partes do bacamarte e dois modelos pertencentes a Valério de Souza Biserra.

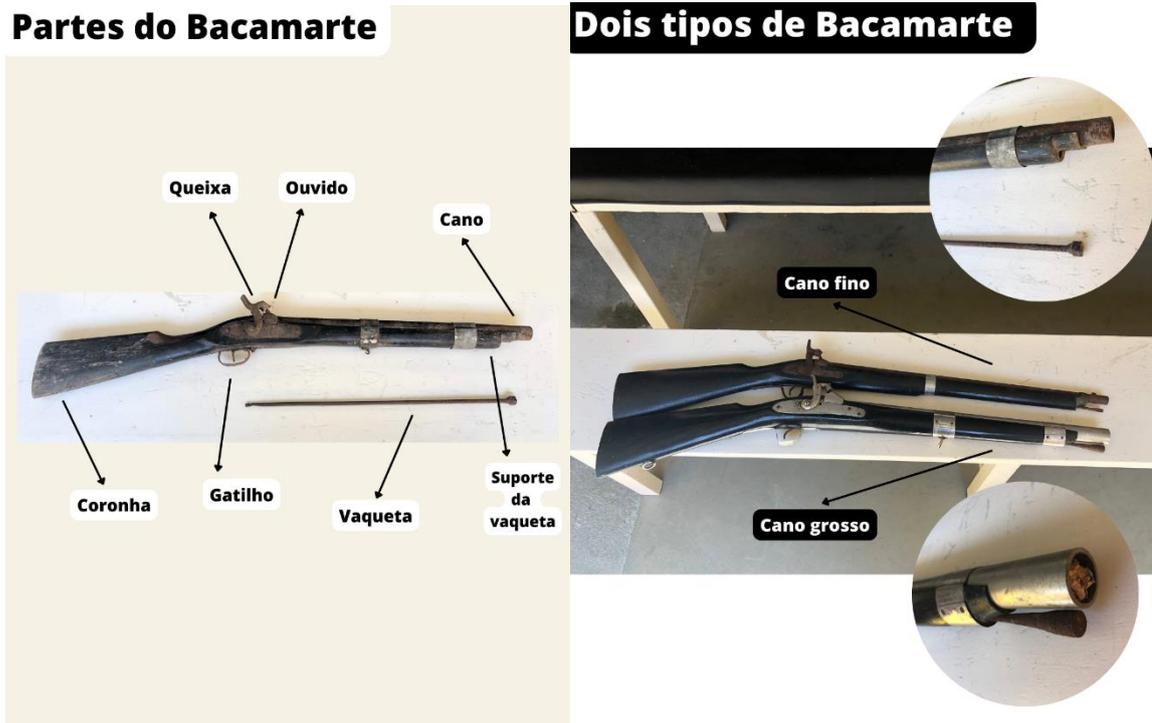


Foto: Arquivo pessoal da autora

Biserra, V., (2022) revelou que guarda de recordação essas duas armas expostas na Figura 01. A de cano fino é a riúna, que não tem diferença do tiro do bacamarte de cano grosso.

Com meio cartucho... ééé... o tiro é do tamanho de um tiro de bacamarte. Ai hoje eu tenho uma riúna e um bacamarte, que... essa riúna foi quando eu comecei a atirar, que eu era crian... pivetão. E ainda hoje tenho. Ai hoje eu mandei tirar os dois ouvidos, dos dois e guardo porque se a polícia pegar vê que não tem mais serventia de nada. No tem co... num corre perigo de atirar porque ele não tem o ouvido. (BISERRA, V., 2022).

No município de Inhapi os bacamartes foram adquiridos de forma artesanal, a exemplo dos destacados na imagem acima. Biserra, V., (2022), aponta ainda que os bacamarteiros compravam ou ganhavam o cano de inox e a madeira. A armação ficava por conta do ferreiro e a coronha sob responsabilidade de um carpinteiro. “Inclusive meu pai chegou a ter 12 bacamarte. Só ele mesmo... e sempre toda casa tinha um... dois... que era do pessoal que atirava... cada família, né?!” (BISERRA, V., 2022).

Silva (2022) revela que na cidade houve várias pessoas que fabricavam armas artesanais, sendo que os ferreiros que fabricavam as espingardas para caça também confeccionavam o bacamarte e deu destaque ao falecido Gonçalo Fuiço. Apontou ainda que Zé do Bar tinha uma grande coleção de bacamartes e emprestava a quem não tinha condições de comprar.

Os bacamarteiros há anos fazem homenagens aos santos com seus tiros de espingarda e danças, mas não se sabe exatamente a data em que nasceu essa tradição. De acordo com Lima (2013):

As festas do mês de junho, onde São João não é o único santo, dividindo as celebrações com Santo Antônio e São Pedro, faz a alegria de todos os estados do país, cada um celebrando à sua maneira, entre fogueiras, balões, danças, brincadeiras, música e muita comida. A festa, segundo os estudiosos, é de origem pagã, um ritual em homenagem a fertilidade da terra. O fogo, de grande simbolismo nos cultos pagãos, foi “domesticado” e transformado em uma celebração da Igreja Católica. A festa transfigurou-se ao longo do tempo e ganhou formas diferentes em cada lugar tomando a forma que tem nos dias atuais, uma festa tipicamente interiorana. Os bacamarteiros do agreste integram os festejos, provando que a tradição sempre se reinventa. (LIMA, 2013, p. 82).

Sobre a origem dos grupos, Soares (2016) enfatiza que:

Existem diversas versões para explicar a origem dos grupos de Bacamarteiros, alguns pesquisadores mostram que a tradição surgiu após a Guerra do Paraguai no ano de 1865. Esta guerra foi o maior conflito armado ocorrido na América do Sul, travada entre o Paraguai e Brasil, Argentina e Uruguai que foi de 1864 a 1870, sendo o Paraguai derrotado pelos três países (Brasil, Argentina e Uruguai) o que pôs fim ao conflito. Outros também defendem que o uso do bacamarte, especificamente no estado de Pernambuco, deu-se para saudar os santos juninos e teve início com a invasão dos holandeses ao estado de Pernambuco no século XVII. Essa versão é relacionada ao inventário das armas deixadas pelos combatentes que faz referência a “bacamarte de metal de ferro”, estes que teriam chegado às mãos dos “matutos”. É comum o uso do bacamarte no Nordeste, há referências encontradas na nossa literatura, onde o escritor Euclides da Cunha foi encontrá-lo em Canudos, dentro das rústicas taperas de pau-a-pique. (SOARES, 2016, p. 04).

Há outras versões nas quais afirma-se que a tradição surge com o nascimento do pregador João Batista. “A fórmula da munição dos bacamartes, causadora do fogo que ilumina, festeja, anuncia o nascimento de São João Batista, é repassada de geração a geração.” (LIMA, 2013, p.84). Conforme relata Silva (2022):

[...] O bacamarte, segundo o finado meu pai, os velhos contavam que vem do nascimento de João Batista, quando ele nasceu precisavam avisar os parentes que moravam distante que o filho tinha nascido. E naquela época não se tinha foguete. Foguete veio depois. Então o jeito de avisar os participantes que moravam vizinho era com três tiros, dois era homem e três era mulher. Aí tinha o bacamarte, quando a mulher paria, aí você dava dois tiros de bacamarte, sabia que era homem, três tiros sabia que era mulher. Era um meio de comunicação entre os familiares de que o menino nasceu e o que era o sexo. [...] (SILVA, 2022).

Em entrevista concedida ao pesquisador George Michael Alves de Lima, para sua dissertação de Mestrado em 2012, Bento Martins, do Batalhão³ n° 33, relatou que a origem do

³ Os grupos de bacamarteiros denominados de Batalhão mantêm as características dos combatentes da Guerra do Paraguai, assim como a vestimenta e os títulos militares de capitão e comandante, que são patentes não oficiais.

Bacamartismo advém da comemoração do nascimento de João Batista⁴. Quando ele nasceu foi feita uma fogueira e soltado um foguetão para anunciar o nascimento da criança. Já José Benedito, do Batalhão n° 41, narrou que Santa Isabel revelou a Nossa Senhora, que quando a criança nascesse, faria uma fogueira no terreiro e soltaria um foguete e assim foi feito quando João Batista nasceu e é festejado até os dias de hoje.

Em uma entrevista concedida a jornalista Paula Bezerra da Silva, para produção de seu livro reportagem em 2009, o historiador Urbano Silva revela que os batalhões de bacamarteiros carregam três tradições:

A primeira é a do folclore do povo nordestino. A segunda é o armamento, que era utilizado pelos batalhões patrióticos e também pelos grupos advindos da Europa. Os europeus que colonizaram as Américas, os Estados Unidos e Canadá e os ingleses que também tinham grupos de bacamarteiros. E a terceira é o chapéu. Ele se parece com o que Napoleão Bonaparte usava, com as abas quebradas. Em tese, bacamarteiros são pessoas de origem rural, que buscam homenagear a valentia do homem nordestino e acabam fazendo a mistura tanto no figurino quanto na musicalidade. É a união de música, cultura, valentia e das características do homem nordestino que homenageia seus mitos e faz disso um lazer. (SILVA, 2010b. p. 82).

Ainda de acordo com Urbano Silva, as pessoas costumam confundir os bacamarteiros com os cangaceiros, pelo fato das expressões culturais, que fazem referência ao cangaço ainda serem preservadas, mesmo após ter se passado 84 anos da morte de Lampião.

Nas falas analisadas, podemos perceber um discurso que se tornou comum entre os brincantes do folguedo, ou seja, relacionar os tiros de bacamarte, a fogueira e os fogos de artifício com o nascimento de João Batista, pois trata-se de uma festa coletiva onde a comunidade exibe sua identidade cultural através de discursos, símbolos e práticas. Ressaltando o que fica registrado na memória dos brincantes e é repassado de geração a geração, como retrata Meihy e Holanda (2007):

A memória como geradora de conhecimento deve ser vista como uma usina capaz de propor relatos que sirvam menos para encantar ou anestesiar lembranças caras e mais pelo impacto social. Não se despreza, porém, a alegria e pertinência de histórias que mereçam registros. Assim, as entrevistas devem conter registros de temas capazes de sugerir reflexões atentas ao interesse público amplo. As expressões estéticas das histórias não são desprezíveis. (MEIHY E HOLANDA, 2007, p. 74).

De acordo com Pollak (1992) a memória é constituída por três critérios, isto é, os acontecimentos vividos pessoalmente ou em grupo, os lugares e os personagens encontrados no

⁴ É importante salientar que não havia arma de fogo quando o profeta João Batista nasceu, isto é, no século I a.C., durante o período que o Império Romano dominava o Oriente Médio. De acordo com Vasconcelos (2015), o mosquete foi a primeira arma de fogo individual criada no século XVI.

decorrer da vida. Esses elementos podem ser embasados em fatos concretos ou da projeção de outros eventos que se misturam entre si. Há também a problemática dos vestígios datados, pois a memória é seletiva, não sendo todos os acontecimentos que ficam gravados. É um fenômeno construído, quando se trata da memória individual, ela pode ser gravada, juntada, excluída e relembrada de forma consciente ou inconsciente.

4 A TRAJETÓRIA DOS BACAMARTEIROS DE INHAPI – AL

Para entender como essa manifestação cultural chegou até o município alagoano de Inhapi, recorreremos à história oral, pois não há fonte escrita que comprove a origem da tradição e nem tampouco registro dessa representatividade como prática cultural da cidade. Foram entrevistadas quatro pessoas que participaram do início do grupo e dois descendentes do fundador.

O primeiro entrevistado foi José Lopes Biserra, conhecido como Zé do Bar, 87 anos, comerciante aposentado. Apesar da sua ancianidade e problemas auditivos, ainda lembrou de fatos significativos. O segundo foi Genivaldo Vieira da Silva, de cognome Geno, 68 anos, agricultor que participou do grupo durante a década de 1980. O terceiro entrevistado é Zenário Lopes Alves, 72 anos, agricultor, irmão de José Lopes e residente no Sítio Roçado. A quarta entrevistada é Antonia Lins Alves, 72 anos, agricultora aposentada e esposa de Zenário. O quinto e sexto entrevistados tratam-se dos filhos de José Biserra: Valério de Souza Biserra, 55 anos, funcionário público e América Beserra dos Santos Pereira, 56 anos, doméstica e residente em Piranhas – AL.

No que diz respeito a quem fundou o grupo de bacamarteiros de Inhapi, cinco dos entrevistados afirmaram que a tradição começou com José Biserra, este por sua vez relatou que iniciou a brincadeira na companhia de um senhor conhecido como Zé Vieira e que atirou por mais de 50 anos.

Biserra, J., (2022) expõe ainda que iniciou a prática do Bacamartismo quando ainda era solteiro. Comemorava o São João e São Pedro dando tiros em homenagem aos santos com amigos e familiares. A tradição era passar pela casa dos bacamarteiros, parar atirar, comer e beber, mas os preparativos começavam a partir da fabricação da pólvora que se dava meses antes do São João.

Pereira (2022) enfatiza que seu pai começou a tradição junto com Zé Vieira, que se reuniam com amigos para atirar com bacamarte em volta da fogueira, tanto na casa dele como

também na dos amigos. Quando se aproximava do mês do São João seu pai começava os preparativos. Nos dias de feira livre os bacamarteiros do sítio apareciam no Bar e combinavam em que casa iriam atirar naquele ano.

Biserra, V., (2022), filho caçula de Zé do Bar, revela que iniciou sua participação no grupo em 1985, aos 18 anos de idade, e que seu pai realizou a tradição junto com amigos que moravam nos sítios.

[...] quando eu me entendi de gente ele já atirava. Ele tinha os amigos dele que morava nos sítios. Ai ao redor da cidade, né?! E... eles começaram indo de casa em casa. Chegava na casa de um ia comer uma galinha, chupar uma laranja, comer umas frutas e atirar. Ai dali partia pra casa de outro, em outro sítio... e assim foram se formando e chegou uma época que tinha mais de quarenta bacamarteiros. [...] Ele e minha mãe atirava e... as famílias mais conhecida de Inhapi que era os Sutero, os Criança, seu Manuel Raimundo, seu Zé Machado, as famílias mais velhas, mas antigas já brincava... os Bimbarra... eles... família tudo grande... família de dez... doze pessoas. (BISERRA, V., 2022).

De acordo com Silva (2022) sua participação no grupo deu-se por volta da década de 1980, sendo que seu falecido pai já brincava.

O grupo de bacamarteiros surgiu com a figura de Zé do Bar. Foi ele... era... quando eu me alcancei de gente o finado meu pai já brincava. E já brincava acompanhado de Zé do Bar. Ele é o fundador do grupo de bacamarteiros do Inhapi. Quem veio... todos eles seguiram a liderança dele. [...] Chamavam o grupo de Zé do Bar. Esse foi sempre o nome. Não tinha um nome folclórico, não tinha um nome fictício. O nome se tornava em cima da... em torno da liderança de Zé do Bar. (SILVA, 2022).

Alves, Z., (2022) declarou que conheceu a brincadeira através de seu irmão, “Zé do Bar dava conta de nós tudo. Era o mandante.” Segundo o entrevistado, Zé do Bar, dava ordens para não entregar o bacamarte para pessoas que estivessem embriagadas ou que nunca tivessem atirado, para evitar acidentes, já que o grupo era grande.

Já Alves, A., (2022) revelou que sua participação no grupo era de receber os bacamarteiros e oferecer bastante comida, mas que quando seu esposo deixava um bacamarte à vista, mesmo grávida saía de casa e atirava, porém, nunca gostou de acompanhar o grupo. Na ocasião era a única mulher que atirava e havia muitas crianças que acompanhavam os bacamarteiros.

Tinha muitas... juntava muitas... andava aquele grupo de criança atrás da beleza, né? Porque isso é uma beleza... toda casa que chegava tinha comida... toda casa que chegava tinha bebida... quer dizer, toda casa não. A verdade é essa... tinha fatura só aqui, as outras casas era uma galinha dentro de uma bacia com farinha e cada cá pegava um pedaço [...]. (ALVES, A., 2022).

Como é descrito nas falas acima, o folguedo foi introduzido na cidade através de José Lopes Biserra, mas não se sabe de que forma ele conheceu o folguedo, pois seu envelhecimento tem ocasionado perda de memória.

Alguns dos senhores citados nas entrevistas, que participaram do folguedo nos primeiros anos, já não mais vivem, como é o caso de Zé Vieira e João Sutero. Sobre a presença de indígenas no grupo, Alves, Z., (2022) e Biserra, J., (2022) negaram que houvesse bacamarteiros pertencentes ao povo Koiupanká. Contudo, Silva (2022) esclareceu que antes do reconhecimento da aldeia, “tinha um indígena que participava, era João Sutero, que é pai do cacique hoje, que sempre participou. Que é pai do cacique, do pajé, da turma que toca a aldeia.” (SILVA, 2022)

Alves, Z., (2022), declarou que reside no sítio Roçado e anteriormente morou no sítio Baixa do Galo, local que por diversos anos festejaram o São João com o grupo de bacamarteiros. Afirmou ainda que ambos os lugarejos são sítios que não pertencem a aldeia indígena.

Ainda no enlace da trajetória dos bacamarteiros de Inhapi, o grupo não tinha nenhuma das formalidades existentes nos batalhões de bacamarteiros de outras localidades, era necessário apenas que possuísse a arma e que soubesse manejar. Segundo Silva (2022), a exigência para participar do grupo era:

[...] que fosse uma pessoa que não fosse violenta. Você tinha que utilizar o bacamarte basicamente para realizar aquela brincadeira. Então você não iria... Porque o bacamarte ele pode ser uma arma. Já serviu em muitas guerra. Então o uso do bacamarte ele teria que ser para uma pessoa que não fosse violenta. Que não tivesse um histórico de violência. E era entre amigos. Só entrava quem era amigo de todo mundo. (SILVA, 2022).

Nos arquivos pessoais de Adeildo Ferreira de Souza, genro de José Biserra, consta uma fita VHS com a descrição “Lembrança do São Pedro 1999”. Devido ao mau estado de conservação, as poucas imagens que apareceram mostram que naquele ano o grupo esteve em Santa Brígida na Bahia. Biserra, V., (2022), confirmou que o grupo esteve nessa localidade algumas vezes. Ao ser perguntado sobre esse dia, Biserra, J., (2022) disse que:

Nós fumo num dia, fumo atirar. Pedro de Sutero também atirava. Ai fumo num dia brincar em Santa Brígida. [...] Naquele tempo Pedro Sutero morava lá, já morou lá. Ai tinha umas amizade ai tratou de ir, ai nós fumo. Ai foi bem uns dez. Também só brincamos uma vez só lá em Santa Brígida. (BISERRA, J., 2022).

Em um arquivo de DVD, encontrei imagens do São João de 2009, que revela a presença do grupo na cidade de Delmiro Gouveia – AL.

FIGURA 02: Bacamarteiros de Inhapi na cidade de Delmiro Gouveia - AL



FOTO: Arquivo pessoal de Adeildo Ferreira de Souza

A respeito do São João de 2009, apenas PEREIRA (2022), confirmou a aparição do grupo em Delmiro Gouveia – AL, na casa de sua irmã. A pessoa em questão seria Maria de Souza Biserra, falecida em 2021.

A respeito das dança e música, os entrevistados Alves, A., (2022), Alves, Z., (2022), Biserra, J., (2022) e Silva (2022) negaram haver a existência dessas expressividades entre os brincantes, apenas Pereira (2022) recordou que os bacamarteiros dançavam, improvisavam músicas sobre o dono da casa e a riúna, além de utilizarem instrumentos como maracá e gaita.

Entre os arquivos pessoais de Adeildo Ferreira foram encontradas imagens que confirmam essa versão. Assim como vídeos que consta José Biserra cantando, dançando e rodeando uma fogueira com outros bacamarteiros.

FIGURA 03: São Pedro de 2009



FOTO: Arquivo pessoal de Adeildo Ferreira de Souza

A forma como os bacamarteiros de Inhapi deflagrava os tiros não difere da maneira que Bonald Neto (2018) narra em seu livro, “cada qual toma a posição mais extravagante: ora a longa granadeira quase roça o chão, os braços estirados sob as pernas; poderosas riúnas são erguidas acima da cabeça ou atrás da nuca junto ao ouvido.” (BONALD NETO, 2018, p. 54)

Nas imagens a seguir é possível perceber tais posições:

FIGURA 04: Tiro sendo deflagrado com o corpo inclinado para frente



FOTO: Arquivo pessoal de Adeildo Ferreira de Souza

FIGURA 05: Tiro a ser deflagrado com a espingarda erguida na altura da cabeça



FOTO: Arquivo pessoal de Adeildo Ferreira de Souza

Alves, A., (2022) expôs que o grupo tinha uma brincadeira peculiar denominada de murro do bacamarte:

[...] vamos dizer que você carrega dez bacamarte. Ai aqueles todo dez atira de uma vez. [...]. Quando você sortia o seu, eu sortia o meu, todo mundo sortia de uma vez só. [...] Chama-se o murro... o murro do bacamarte... vamo dá o murro... aí enchiam...

carregavam aqueles bacamarte tudinho e encostavam ali. Ai quando ia... um, dois, três... até o derradeiro. (ALVES, A., 2022).

FIGURA 06: O murro do bacamarte



Foto: Arquivo pessoal de Adeildo Ferreira de Souza

Enquanto Alves, Z., (2022) e Pereira (2022) relembrou a brincadeira de tomar a fogueira do outro. A brincadeira consistia em ter que ficar atento e não se descuidar da pira, pois o grupo poderia aparecer de repente e atirar dentro da fogueira. Todos os anos um bacamarteiro desafiava o outro, como lembrou Alves, Z., (2022):

Ai num dia nos fumo... [...] Zé do Bar dizia: "Titô inda um dia eu vou tomar sua fogueira". "vai nada Zé... Cê vai nada! Cê tem coragem nada"... "Vou!... vou! "... Aí... um dia Zé do Bar rumou uma imbulância, ai dixeu ramo pra casa de Titô. Ai inchemo a imbulancia de gente e fumo pra lá... e foi meia noite... chegamo lá... [...] aí disse oxen essa imbulancia? pra que essa imbulancia veio vê aqui? eu num tô doente, o que foi?... ai quando nós decemo tudo... disse oia... ai disparemo bacamarte tudo na fogueira dele... bei... bei... bei... "Eita Zé do Bar... cê disse que vinha e vei mermo Zé do Bar... disse: oia Zé do Bar, não tenha nada aqui... eu num tenho nada aqui. A mulé me deixou. Eu não tenho nada aqui... o que tem aqui sé laranja". Aí foi lá, pegou o balaio de laranja e veio pá nós chupa, nós chupemo... truvemo... ai foi uma coisa boa. (ALVES, Z., 2022).

Os bacamarteiros de Inhapi já se apresentaram em praça pública durante os mandatos de dois prefeitos, conforme informou Biserra, V., (2022):

[...] quando era época de... de... que tinha festa na Prefeitura... quadrilha... essas coisas, que faziam festa junina, eles pediam pra eles se apresentarem. Ai isso foi no governo de Oberdan Tenório Brandão e no governo de Renato Alves Costa. Aí eles se apresentavam no centro da cidade, dando tiro... mostrando como era... tudo. [...] o governo do... [...] Oberdan Tenório Brandão começou em 97, aí teve dois mandatos que terminou em 2004. Aí quando foi em 2005 a 2008 foi o governo de Renato Alves Costa que também pedia pra eles se apresentarem. (BISERRA, V., 2022).

Entre os descendentes de José Biserra, além de América Pereira e Valério Biserra, apenas alguns dos netos participaram das festividades juninas. Pereira (2022) esclarece que apenas seu filho Samuel conheceu a tradição, pois suas duas filhas nunca comemoraram o São

João com o avô, pois após ter se convertido a uma religião evangélica, não mais comemorou as festividades juninas.

Biserra, V., manifestou que seu filho Antony participou e além de seu sobrinho Samuel, também esteve presente Luciano, filho de sua falecida irmã, Maria Biserra. “Inclusive tem foto deles três com o avô, nós quatro, né?! Pai, o filho e dois neto.” (BISERRA, V., 2022)

FIGURA 07: Antony Araújo, José Biserra, Valério Biserra e Luciano Ferreira



FOTO: Arquivo pessoal de Valério Biserra

4.1 A FABRICAÇÃO DA PÓLVORA

A pólvora geralmente é feita pelo próprio atirador. “A fórmula é simples e eficiente: 1kg de salitre do Chile; 200 g de enxofre em pedra; 200g de carvão vegetal moído e pisado no pilão doméstico junto com uma garrafa de cachaça, para dar a liga.” (BONALD NETO, 2018, p. 42)

Biserra, J., (2022) utilizava os materiais supracitados, mas substituía a cachaça pelo álcool doméstico, conforme narrou Alves, Z., (2022). O salitro, o enxofre e o carvão eram trazidos de Caruaru – PE e faziam da seguinte forma:

A pólvora a gente pisava o carvão, ai peneirava o carvão... e Zé lá cozinhando a água, ai pisava a pólvora... pisava o carvão, ai misturava com arco e enxofre e água e pisava no pilão. Quando tava no ponto mermo, ai ele mesmo sabia qual era o ponto... Zé mermo sabia o ponto. Ai vinha... tirava aquela pilãozada e ele butava nus papelão... botava pra lá... e vinha outra de novo... pisava... 15... 20 pilãozada de porva. Depois quando pisava ele botava pra lá e depois secava... botava em riba dos salão e secava a porva. Ai dava cada um o seu. A gente gardava... ele mermo encartuchava. E

pronto... ai ali tava pronto e quando era no dia que a gente ia brincar... (ALVES, Z., 2022).

Pereira (2022) relembrou que seu pai combinava a data de fazer a pólvora meses antes do São João juntamente com o irmão Zenário e um amigo por nome de João Suter. A entrevistada ainda detalhou que o carvão era reduzido a pó em um pilão e posteriormente era peneirado em uma vasilha à parte. Em outra panela maior misturava-se os demais ingredientes e levava ao fogo. Em seguida colocava para secar ao sol sobre papelões e jornais. Quando a pólvora atingia o ponto de secagem, começavam a fazer os cartuchos com a medida certa da pólvora, que era um papelzinho enrolado com ajuda de uma vareta e por fim eram guardados em um bernal.

Silva (2022) salienta que a brincadeira do folgado se iniciava no preparatório da pólvora:

A brincadeira se iniciava meses antes. O preparatório... era preparar o principal... o principal produto que era a pólvora. O bacamarte era apenas a pólvora e papel. Então se participava no feitiço da pólvora que era sempre cada um daqueles grupo iria naquele dia, um dia por semana fazer a sua pólvora. E Zé do Bar era o mestre que sabia todas as técnicas de preparar a pólvora. (SILVA, 2022).

Biserra, V., (2022) revelou que o grupo chegou a receber patrocínio da Prefeitura Municipal de Inhapi para comprar os materiais para fabricar a pólvora.

[...] o prefeito Oberdan Tenório Brandão, conhecido como Bel, ele sempre patrocinava [...] e dava também o dinheiro pra comprar a pólvora. Comprava o salitre, o enxofre que era pra fazer a pólvora. Isso eles compravam em Caruaru... o material pra eles mesmo fazer a pólvora. Com o passar do tempo... já... já no final eles já tavam comprando a pólvora feita, mas muito antes eles compravam as coisas e eles eram quem faziam a pólvora. (BISERRA, V., 2022).

De acordo com Lima (2013) o salitre não mais é encontrado no comércio de Caruaru e é fornecido apenas pelo exército:

O Salitre do Chile (oxinitrato de sódio) é fornecido pelo exército. Antigamente os bacamarteiros podiam adquirir o produto no comércio da cidade, hoje é proibida a sua venda e o capitão do grupo é responsável pela quantidade de pólvora que entrega aos integrantes, geralmente a quantia entregue é suficiente para cada apresentação. O carvão utilizado é o carvão vegetal, de madeira fofa, pode ser utilizado o de maniva ou macaxeira, avelóz e umburana. Esta pólvora doméstica produz muito barulho e uma nuvem de fumaça que envolve os atiradores na hora dos disparos. (LIMA, 2013, p. 85).

Pernambuco é um dos estados que preserva essa manifestação cultural por mais de um século. A tradição está presente nas festividades juninas da cidade de Caruaru, “devendo existir o costume há cerca de cem anos, conforme indica a tradição daquela cidade agrestina.” (BONALD NETO, 2018, p. 33)

4.2 AUTORIZAÇÃO PARA USO DE ARMA DE FOGO

Os bacamarteiros de Inhapi nunca fizeram uso de Guia de Tráfego⁵ emitida pelo Exército Brasileiro para brincarem com seus bacamartes. A única coisa que faziam era apresentar os nomes dos brincantes as autoridades policiais do município. Conforme, relataram Alves, Z., (2022), Biserra, J., (2022) e Silva (2022). Já Biserra, V., (2022), disse o seguinte:

Na época era polícia militar. Só era falar com o sargento da polícia militar, o sargento vinha as vez... na época tinha sargento que ele mermo vinha pra querer atirar... e tomar uma... tudo... e achava aquilo bonito. Ai com o tempo veio surgindo a polícia civil... ai já era com a civil... e terminou sem ter autorização por conta da Lei do Desarmamento. (BISERRA, V., 2022).

Em conformidade com o Estatuto do Desarmamento, Araújo (2019) diz que:

Todo cidadão que portar, deter, adquirir ou fornecer arma de fogo de uso permitido sem autorização estará em desacordo com a Lei, ou seja, estará cometendo um crime inafiançável. Nesses casos, o Estatuto do Desarmamento prevê pena de dois a quatro anos de prisão e pagamento de multa. Quando o porte for de armas de uso restrito, a pena varia entre três e seis anos de reclusão e multa. Além do porte de arma de fogo, a posse sem registro também é considerada ilegal e prevê pena de dois e seis anos de prisão. Para os casos de comércio ilegal de armas, o tempo de reclusão aumenta: de quatro a oito anos e multa. (ARAÚJO, 2019).

Em lugares onde há vários batalhões de bacamarteiros, como é o caso de Caruaru – PE, já foi exigido a Guia de Tráfego para transporte e compra de munições. Como assegurou Bonald Neto (2018):

[...] Tanto para atirar, como para transportar bacamarte e comprar munição (pólvora e essas), o bacamarteiro tem de registrar a sua arma (qualificada como bacamarte – arma de fogo obsoleta) no representante local do Ministério da Defesa onde tira Guia de Tráfego do Exército Brasileiro. (BONALD NETO, 2018, p. 124).

Contudo, há pouco mais de um ano foi aprovado o Regulamento de Produtos Controlados pelo Exército – PEC⁶, através do Decreto n° 10.627, de 12 de fevereiro de 2021, onde descreve que a arma de fogo obsoleta deixa de ser considerada PCE e é retirada a exigência de Guia de tráfego.

Art. 1 § 3º Não são considerados PCE:

III - as armas de fogo obsoletas, de antecarga e de retrocarga, cujos projetos sejam anteriores a 1900 e que utilizem pólvora negra;

§ 4º As armas de fogo obsoletas poderão ser utilizadas em demonstrações e exposições.

§ 5º O transporte das armas de fogo obsoletas não exigirá guia de tráfego e elas não deverão estar muniçadas ao serem transportadas. (BRASIL, 2021).

⁵ É uma autorização expedida pelo Exército Brasileiro para o transporte de armas de fogo e munições.

⁶ PCE - compreendem-se as armas de fogo, acessórios de armas de fogo, munições, explosivos, propelentes, artifícios pirotécnicos, agentes químicos de guerra e seus precursores, blindagens e proteções balísticas, além de outros produtos de interesse militar e uso dual — civil e militar. (CAMPOS E FREITAS, 2021, p. 02)

4.3 VESTIMENTA

Os Batalhões de Bacamarteiros espalhados pelo Nordeste, em regra, vestem-se a caráter, utilizam “calça e camisa de zuarte, lenço vermelho no pescoço, chapéu de palha ou couro adornado com uma rosa vermelha, alpercatas ou tênis, bisaco com munição e seu bacamarte.” (LIMA, 2013, p. 13). Já os Bacamarteiros de Inhapi não faziam uso de tais trajés, mas sim de roupas comuns, pois cada um vestia-se como desejava, conforme destaca a imagem abaixo:

Figura 8: À esquerda, José Lopes Biserra, vulgo Zé do Bar, defronte a sua residência acompanhado dos amigos bacamarteiros em 1987.



Fonte: Arquivo pessoal de José Lopes Biserra

Silva (2022) afirmou que não tinha vestimenta a caráter e cada um se vestia como queria. Já Pereira (2022) revelou que geralmente os integrantes do grupo se vestiam de calça jeans, camisa de manga comprida, sapato e um bernal tiracolo, pois assim ficavam protegidos para andar na zona rural. Alves, A., (2022) recorda que havia uma espécie de cantil de madeira com bebida alcoólica que também era carregado a tira colo: “era até de pau... de madeira. Todo pintadinho de vermelho, desenhado... desenhadinho e pintadinho de vermelho, [...] era Zé do Bar que era o carregador..., mas só bebia quem ele quisesse, quem ele desse.” (ALVES, 2022)

Cabe ressaltar que, José Biserra tinha uma grande satisfação em ornamentar a frente da casa e a fogueira com palhas de coco, como também colocar bandeirinhas coloridas na rua. “Deixava bem bonito a cidade, chamava muito atenção mesmo.” (BISERRA, V., 2022)

Somente após a década de 1990, os integrantes do grupo tiveram uma camisa estilo Polo patrocinada pela prefeitura municipal, “o prefeito Oberdan Tenório Brandão, conhecido como Bel, ele sempre patrocinava... dava as camisas... eee... mandava fazer as camisas pra dá o

peçoal, pra todo mundo se vestir bonitinho... com o nome os bacamarteiro de Inhapi.” (BISERRA, V., 2022).

Figura 09: Fardas do São João e São Pedro dos anos de 2009 e 2012



Foto: Arquivo pessoal de Valério de Souza Biserra

4.4 PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

O folguedo é um “esporte” essencialmente masculino. No entanto, a presença feminina é cada vez maior em atividades antes exclusivamente masculinas; com os bacamarteiros não é diferente. Mesmo em número bem inferior aos homens, elas participam do folguedo. [...] A inserção das mulheres no folguedo deu-se basicamente à medida que seus pais, irmãos ou maridos bacamarteiros iam morrendo e não havia homens na família para manter a tradição. Hoje, para além de atender a essa “necessidade” de continuar a participação da família no batalhão, elas também ingressam por prazer, e muitas acompanham seus maridos, irmãos e filhos. (LIMA, 2013, p. 51).

No grupo de bacamarteiros de Inhapi eram poucas as mulheres que participavam, como já destacou Alves, A., (2022) que atirava apenas em casa. Já Pereira (2022) expõe que acompanhou o grupo apenas uma vez, mas atirava na rua em que morava e parou depois que fez uma cirurgia no ouvido. A primeira vez que deu um tiro com um bacamarte foi aos quatorze anos de idade. Recorda que quando acompanhou o grupo, seu genitor transportava os bacamartes pendurados, “meu pai botou uma dum lado e outra de outro... parecendo Lampião.” (PEREIRA, 2022).

Ainda segundo Pereira (2022), o bacamarte que usava era recarregado por seu pai ou por algum amigo dele e no dia que esteve acompanhando o grupo quase ocorreu um acidente. Lembra que um homem, aparentemente embriagado, colocou dois cartuchos em seu

bacamarte e essa quantidade é inadequada para uma adolescente. Sobre esse episódio, Biserra J., (2022) disse que:

Quando ela... era moça, num era casada não. Ai largou de andar porque [...] a espingarda dela... nós foi na casa de Zé de Pedo Luiz, ai ela carregou a espingarda e entremo pra dentro pra tomaa... pra comer um tiragostozinho a espingarda ficou pra cá, ai os caba pegaram butaram outro cartucho dentro. Ai eu fiquei com medo... antes dela pegar a espingarda pra entrar, peguei a espingarda, quando eu vi butei outro car... butei a vaqueta... oooh... se ela fosse... se ela tivesse dado o tiro... tanto lascava a espingarda, como ela ia fazer uma arte. Ai a derradeira vez... deixei eles lá e vim embora mais ela. (BISERRA, J., 2022).

Nos arquivos pessoais de Adeildo Ferreira, consta imagens de mulheres atirando na rua e no sítio. Nos vídeos que retratam o São João de 2007, há um bacamarteiro ensinando a uma jovem a manusear o bacamarte, aparentemente era a filha dele. A moça não teve muita desenvoltura para segurar a arma e logo que deu o disparo, derrubou a espingarda. Esse lance da arma, que voa da mão do dono após o disparo, é conhecido como “o coice do bacamarte”. (BONALD NETO, 2018, p. 35)

Alves, A., (2022) revelou que gostava da tradição, tinha prazer em cozinhar, mas depois passou a se aborrecer, pois não tinha reconhecimento:

Eu gostava! Eu achava muito bom essa tradição... essa brincadeira, porque meu marido não dançava, nunca foi... ele era dançador porque trabalhava a semana todinha pra gastar... numa festa. [...] Mas foi me fazendo raiva, sabe de que? Aquele monte de gente, se vinha 20, na outra vez vinha 30... na outra vez vinha 40... outra vez vinha 50... até um homem velho como Zé Machado, Edivaldo... o povo da Baixa do Galo... lá de longe vinha... vinha... vinha da Serra do Cruzeiro... quando a gente pensava que não, tava o terreiro cheio. Aí as meninas... chega mamãe... eu digo: muier cria juízo que a gente tem cumer pra esse pessoal morrer entupido. Que eu fazia muito bolo... fazia muito bolo... fazia muita pamonha. Que a tradição de comida para o São João é pamonha e bolo, né? E mungunzá. Eu fazia mungunzá... porque comida... a tradição de comida de fogueira é comida de milho. Aí ele matava um carneiro, quando acabar botava assim... duas três bandeja, butava numa só não. Porque se você fosse pegar ali, duas três pessoa pegasse, os outros não pegava, botava em três quatro travessa assim na mesa [...] todo mundo pegava da comida. [...] Num atirava dando valor e nem falando ninguém não... só era viva São João, viva São Pedo e tei... outro era viva, São João, viva São Pedo e tei... Eu aqui pegava o meu e eu digo: viva a dona da casa que cuidou de cumê procês cumerem... por que ninguém sabia louvar isso, né?! Ia todo mundo simbora e eu ficava... as minha fia ia tudo pra casa delas, umas delas era casada, e eu ficava ali até meia-noite... lavando aqueles pratos... aquela louça que é guardada ninguém usa sem lavar, né? Lavando, botando em cima da mesa, cobria com um pano e arrumando tudo, para no outro dia cedinho, quando eles chegassem... quando saia eu ira arrumar de novo, lavar aqueles pano que sujou, cuidar daquelas comida, quando eles vortava de novo eu tava no pé. [...] (ALVES, A., 2022).

4.5 ACIDENTE DURANTE A DIVERSÃO

Vale ressaltar que nunca nenhum distúrbio ou crime ocorreu motivado por bacamarteiros em exibição pública. [...] Isso evidencia o alto grau de disciplina, a perfeita consciência da hierarquia e subordinação reinante entre aqueles simbólicos jagunços. Quase militares, bem menos matutos em festas do que guerrilheiros potenciais em exercício regular. Esporte de homens destemerosos dos perigos e dos acidentes que vitimam, cada ano, os seus participantes. Basta um descuido na carga,

basta que uma das braçadeiras do cano relaxe ou se rompa, que a deflagração violenta estoure a arma, arrebatando a mão do seu negligente atirador. O espectador, também, não está a salvo de um acidente, muitas vezes fatal. A arma, mal segura com o recuo, voa das mãos do dono, voa e vai atingir, 3 ou 4 metros atrás, o companheiro de batalhão ou curiosos. (BONALDO NETO, 2018, p. 35).

Entre os entrevistados para essa pesquisa, apenas Alves, A., (2022) e Alves, Z., (2022) relataram um acidente que aconteceu com o filho ao atirar com o bacamarte. Alves, Z., noticiou que há aproximadamente 15 anos o grupo esteve em sua casa para almoçar. Eram cerca de 20 homens e havia adolescentes, mas apenas os adultos entraram na casa. Do lado de fora os meninos ficaram atirando, quando repentinamente alguém gritou que Zé havia se queimado e ao saírem da casa se depararam com o filho em chamas.

Ainda em conformidade com Alves, Z., (2022), o filho de nome José Lopes Lins Alves, conhecido como Zé, transportava o bernal cheio de cartuchos de pólvora e no instante do disparo, uma espoleta com fogo caiu dentro da bolsa e rapidamente as labaredas se alastraram pela parte superior do corpo do adolescente.

Em sua versão, Alves, A., (2022) comunicou que:

O pessoal entraram pra dentro pra comer e ele ficou do lado de fora mais os outro menino com o bernal do lado e pegou o bacamarte. No que ele deu o tiro, avoou a fâsca de qualquer... ou dos outros ou do dele... que o borna incendiou com cento e tantos cartucho de pólvora. Queimou ele... ele é alvinho... ele era bem alvinho... ainda hoje é... mode a qualidade dele tá escura, mode ele queimou-se. [...] Quando eu sai pra fora, [...] o menino estava pretinho como se é o carvão. [...] Ele era criança. Ele tinha 13 anos, homi... era criança. É porque menino é atentado. Que o menino não pode pegar no bacamarte com 13 ano, mas todo mundo entrou pra comer e eles ficaram fazendo a vez deles, que ninguém deixava mesmo, né?! (ALVES, A., 2022).

Nessas falas podemos perceber que por falta de cautela, uma vida quase foi ceifada. É uma brincadeira que requer cuidados extremos. “Se o comandante não controlar, os seus homens são capazes de estourar os canos e serem vítimas de acidentes sangrentos, nesse rude torneio de ousadia.” (BONALD NETO, 2018, p. 85).

4.6 FIM DO GRUPO DE BACAMARTEIROS DE INHAPI E A NECESSIDADE DE PRESERVAÇÃO DA TRADIÇÃO

O senhor José Biserra revelou que parou de festejar o São João, atirando com bacamarte, após ter sofrido um acidente doméstico ao cair de uma escada e ficou com dificuldade de locomoção. O último ano que o grupo se reuniu para atirar na zona rural foi em 2012, conforme

afirma Biserra, V. (2022). Quando perguntado sobre o motivo de seu pai ter parado a brincadeira, respondeu o seguinte:

Porque ele foi ficando velho, foi se desgostando e as pessoas foram mudando, uns morrendo e esses pessoal mais novo que ficaram não tinham o respeito ou o mesmo controle que eles tinham. Que quando eles estavam brincando não se embriagavam tudo e esse pessoal mais novo já era diferente. Aí veio o falecimento do... da minha mãe, da esposa dele. Aí depois disso ele parou de vez. (BISERRA, V., 2022).

Alves, Z., (2022) revelou que deixou de andar com o grupo logo após o acidente que causou queimaduras em seu filho, mas que ainda atira em casa nas festividades juninas. “Esse ano mesmo eu atirei... São João... São Pedro, mas pouquinho, sabe? Porque a brincadeira... a brincadeira só é bom muita gente, mas acabou-se o pessoal, uns deixaram de atirar... tudo.” (ALVES, Z., 2022).

Apesar do grupo ter se desfeito, ainda é possível sentir o prazer dos integrantes ao relatarem suas experiências, como é o caso de Silva (2022), ao ser indagado sobre o que é ser um bacamarteiro:

Ser um bacamarteiro significava uma família. Uma família de amigos. Que a amizade não se durava só naquela época, mas a amizade durava o ano todo. E sempre aonde se estava reunido, se tratava... sempre aparecia as brincadeiras, o assunto em torno do bacamarte. (SILVA, 2022).

Já Biserra, V., (2022) respondeu que ser um bacamarteiro é gostar da tradição, mas a Lei do desarmamento acabou dificultando a continuidade:

É ser um bacamarteiro ééé... gostar né?! Gostar eee... eu mesmo gostava muito, ainda gosto... é porque veio esse desarmamento veio tudo hoje a gente num pode nem dizer que tem um bacamarte, mas era muito bom, muito bom mesmo. Todo mundo gostava, chamava muita atenção, quando chegava na cidade o povo vinha só pra vê. Ai foi acabando mais porque com o tempo ééé... esse desarmamento era um maior sacrifício pra polícia poder liberar... pra poder a pessoa atirar. Ai hoje quem tem um bacamarte é escondido pra guardar de lembrança que num... que num pode nem se apresentar porque é ariscado ir preso. (BISERRA, V., 2022).

Nos livros e artigos que retratam a história do município de Inhapi não consta a presença da tradição bacamartista, por esta razão há uma grande necessidade de que esse folgado seja conhecido como patrimônio cultural do município. Em suas últimas considerações, Pereira (2022) expressou o desejo de que houvesse uma data para ser comemorado o dia do bacamarteiro na cidade de Inhapi. Assim como também Biserra, V., (2022) demonstrou:

Eu gostaria que voltasse... que fosse legalizado... que a Prefeitura tivesse uma Lei e uma data específica pra eles se apresentarem... no São João ou numa festa de padroeira mermo... qualquer coisa. Porque muito deles ainda tem esses bacamarte guardado, mas num tem como se apresentar, como eu disse, por causa dessa Lei do Desarmamento. Ai ninguém vai querer se prejudicar, mas se... se isso acontecesse muita gente ainda vinha... atirar... e hoje mais fácil porque hoje a pólvora você já compra pronta em Caruaru. Se quiser comprar sua pólvora só é encomendar... vem... já tem seu bacamarte isso é coisa fácil. (BISERRA, V., 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Bacamartismo é uma manifestação cultural tipicamente nordestina que tem sua origem incerta, mas que é exercida com mesma finalidade, ou seja, festejar os santos juninos e se divertir. Em algumas regiões do país o folguedo é expresso de forma mais estruturada com comandos e vestes caracterizadas, já em outras como é o caso dos bacamarteiros de Inhapi, não há formalidades.

Os objetivos do estudo foram alcançados com o auxílio da revisão bibliográfica e as contribuições da oralidade, apesar de não haver documentos historiográficos que evidencie a trajetória dessa tradição cultural no município alagoano de Inhapi. O estudo evidenciou que, embora o folguedo tenha sido introduzido na cidade por uma pessoa residente no centro urbano, foi sobretudo, praticado por pessoas residente na zona rural.

A pesquisa serviu também para demonstrar a necessidade dessa manifestação cultural ser reconhecida pelo poder público municipal. Assim, as justificativas aqui expostas podem servir de base para que a atuação do grupo entre no rol dos folguedos praticados na cidade e que a população volte a festejar sem ter medo de ser preso por possuir um bacamarte.

Levando em conta que nenhum conhecimento é finito, recomenda-se estudos sobre a prática dos folguedos nordestinos entre o povo Koiupanka e políticas para promover conscientização entre os moradores da zona rural para que reconheçam as áreas das comunidades Roçado, Baixa do Galo e Baixa Fresca como sendo aldeia indígena.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Adriano Alves de. **Quando portar uma arma é crime no Brasil?**. Brasil, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://alvesaraujoadv.jusbrasil.com.br/artigos/414671915/quando-portar-uma-arma-e-crime-no-brasil>. Acesso em: 28 out. 2022.
- BRASIL. **DECRETO nº 10.627, de 12 de fevereiro de 2021**. Aprova o Regulamento de Produtos Controlados. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.627-de-12-de-fevereiro-de-2021-303712257>. Acesso em: 28 out. 2022.
- BONALD NETO, Olímpio. **Bacamarte, pólvora e povo**. 4. Ed. Recife: Cepe, 2018.
- CAMPOS, Rodrigo Thomaz; FREITAS, Carlos Alberto Marques de. **A reestruturação do Sistema de Fiscalização de Produtos Controlados pelo Exército Brasileiro (SisFPC) em consonância com a ética na Administração Pública**. Brasil, 2021. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/9592>. Acesso em: 29 out. 2022.
- LIMA, George Michael Alves de. **Os bacamarteiros de Caruaru**. Recife, 2013. 126 f. Dissertação (mestrado) - UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10889>: Acesso em 08 abr. 2021.
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- OSCAR, Roberto. **Inhapi de histórias e encantos**. Inhapi/AL: Editora Oxente, 2020.
- OLIVEIRA, Allyne Jaciara Alves Rios. **O Direito à Educação Escolar Indígena e a Saga do Povo Koiupanká: a resistência de uma escola “que não existe”**. In: Anais do VIII CONINTER. Anais. Maceió (AL) Unit/AL, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/coninter2019/180376-o-direito-a-educacao-escolar-indigena-e-a-saga-do-povo-koiupanka--a-resistencia-de-uma-escola-que-nao-existe/>. Acesso em: 05 set. 2022.
- OLIVEIRA, Allyne Jaciara Alves Rios; MELO, Amanda Monteiro; VILLAR, Elis Lidiane do Nascimento; MELO, Lucicleia Costa de. **Inhapi: Cidade da gente: estudos regionais fundamental**. 1. ed. Fortaleza/CE: Didáticos Editora, 2020.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/276>. Acesso em 08 dez. 2022.
- SILVA, Paula Bezerra da. **Bacamarteiros: Um tiro de guerra que se fez arte**. Livro Reportagem. 1ª. ed. Brasil, 2010b. Disponível em: <https://vdocuments.com.br/bacamarteiros-um-tiro-de-guerra-que-se-fez-arte.html?page=11>. Acesso em: 5 dez. 2021.
- SOARES, Adeilson. **Os Bacamarteiros de Lagoa dos Gatos, Batalhão 51**: (22) p. il. 2016. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

VASCONCELOS, Cleidson José Rocha. **Armas de Fogo & Autoproteção: Técnicas, táticas e procedimentos**. Porto Alegre: Alcance, 2015. 216 p. ISBN 978-85-67248-31-8. Disponível em: <https://qaposvaldo.files.wordpress.com/2018/01/armas-de-fogosem-tc3adtulo.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2022.

FONTES ORAIS

ALVES, Antônia Lins. Entrevistada por Vanessa Biserra Pereira em 08/10/2022. *In. **Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão***. Delmiro Gouveia – Alagoas.

ALVES, Zenário Lopes. Entrevistado por Vanessa Biserra Pereira em 08/10/2022. *In. **Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão***. Delmiro Gouveia – Alagoas.

BISERRA, José Lopes. Entrevistado por Vanessa Biserra Pereira em 27/08/2022. *In. **Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão***. Delmiro Gouveia – Alagoas.

BISERRA, Valério de Souza. Entrevistado por Vanessa Biserra Pereira em 08/10/2022. *In. **Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão***. Delmiro Gouveia – Alagoas.

PEREIRA, América Beserra dos Santos. Entrevistada por Vanessa Biserra Pereira em 09/10/2022. *In. **Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão***. Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA, Genivaldo Vieira da. Entrevistado por Vanessa Biserra Pereira em 27/08/2022. *In. **Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão***. Delmiro Gouveia – Alagoas.

APÊNDICE – 1

Entrevista realizada no dia 27/08/2022

Entrevistado: José Lopes Biserra, conhecido como Zé do Bar, nascido em 03/10/1935, CPF nº 129.616.474-87, residente no centro de Inhapi/ AL.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Como foi que o senhor iniciou essa prática do bacamarte no Inhapi?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Está com uma base de uns 35 anos.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Uns 35 anos!

Entrevistado: [José Lopes Biserra]: Sim! Está com uma base de 35 anos, quando eu vim pra aqui, aí já peguei a brincar com ele já. Aí foi quando eu arrumei gente, que trabalhava com muita gente, uns 10 ou 12 [palavra inaudível].

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Aí quando foi que o senhor teve o primeiro contato com o bacamarte?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: O primeiro contato que eu tive foi com o finado Zé Vieira.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Ele era algum parente seu?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Era... era parente... morava no salão, aí eu vim pra aqui ele veio mais eu, aí formemo a brincadeira.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E ele era o que seu?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Era só conhecido.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Era só conhecido! Não era parente, não?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não. Não era parente, não. Era só conhecido. Ele morava no salão. Tinha as espingarda e eu não tinha. Aí eu comprei uma, aí fomo brincar até hoje. Até quando não aguentei mais.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Aí só foi o senhor que trouxe essa ideia para o Inhapi ou teve mais alguém que ajudou?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Tinha! Tinha mais gente. Tinha dez pessoa... tinha dias que tinha dez, doze pessoa. Tinha muita gente.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor lembra do ano que o senhor começou a atirar?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Eu me lembro não. Só sei que eu... eu comecei a atirar soltero está com 50 e tantos anos, né?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: É!

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Eu era solteiro, já tem fii com 50 ano. Tá com uns 52...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o grupo tem algum nome? O senhor deu algum nome ao grupo?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Tem não! Tem grupo... Tem não... Só os bacamarteiros.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o senhor sabe qual foi a origem dessa arma? A origem do bacamarte?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Se tem origem?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Se o senhor sabe qual foi a origem dele?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Sei não... A origem dele?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Como foi criado a arma?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Como surgiu... eu num me lembro não minha fia. Sei que tem a base desse tempo mesmo. Uns cinquenta ano, mais ou menos uns cinquenta ano. Aí eu mandei fazer as espingarda, né? Os ferreiros fazer... e a gente arrumava o cano e fazia as espingarda. Ai tá com uns cinquenta ano ou mais.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Então não comprava em loja?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Era artesanal?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Era... fazia...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E quando quebrava o senhor pedia pra esse ferreiro consertar também?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Levava pa mode ele ajeitava, quando quebrava mandava ele fazer uma. Quando aquela não prestava mais mandava fazer outa.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E a pólvora era comprada ou o senhor fazia também?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: A pólvora eu fazia...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o senhor lembra como é que fazia?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Eu me lembro. Pegava o salito, o enxofre e carvão.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Aí juntava tudo?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Juntava... 200 gramas, 15 de salito, 200 gramas de carvão, 200 gramas de... de salito... de salito não, de enxofre. Era aaa as três coisas: o enxofre, o carvão e o salito. [palavra inaudível] 1kg de salito era 200 gramas de carvão e 200 gramas de enxofre. Aí misturava tudo, pisava no pilão...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E tava pronta a pólvora?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: E tava pronta a pólvora!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E para participar desse grupo tinha... ééé... precisava de alguma autorização do senhor ou quem quisesse atirar só era trazer a arma?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não! Ele faz... sem autorização mermo. Ele mermo que brincava, carquer um brincava [palavra inaudível]

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Se juntava todo mundo e ia brincar?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: É... é... ia bricar. Só que um [palavras inaudíveis] outro fazia parte do da delegacia pa pudê bincar, né... Com as espingarda, tudinho. Dava o nome de tudinho na delegacia... Aí...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Precisava de uma autorização da delegacia?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: É... é... precisava de uma autorização da delegacia. Pa juntar era muntos, né! Aí podia ser que um fizesse uma besteira ou coisa e outra... ai essa... a poliça já ficava sabendo quem foi né.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Aí era sempre aqui na frente?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Era na frente e nas casas, né!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como é que começava?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Hem?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Como começava?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Começava... só era pa...do... se chamar eles, eles chegavam, porque vinha, tinha o Zenaro, Zezinho... os outros tudinho que tava aí, cada um vinha pra cá pegava as espingarda e carregava e ia andando de casa em casa.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Ia chamando os outros bacamarteiros?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Ééé... era... os bacamateiro... quando já tarra andando puros sítio, na casa de um e de outro... ai o bacamateiro... ai atirava. Fazia aquela farra, ia pa casa do outro, tornava a brincar.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Aí quando não encontrava o outro?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Quando encontrava ozoto?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Quando não encontrava?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: No... nois fazia só o meu, o nosso mermo, de casa em casa. Os outro grupo não se juntava, era difícil.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E atirava na fogueira?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Atirava... Atirava não. Atirava fora, né!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Atirava fora!

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Atirava fora, porque se atirasse na fogueira apagava, né?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Atirava fora, nas casa, né!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Aqui no Inhapi tem uma aldeia indígena. Já houve participação de algum indígena no grupo também?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não! Não! Graças a Deus, não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Eles num participava, não?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E pessoas de outras cidades vinham participar ou só era restrito para quem morava aqui no Inhapi?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não... não só o pessoal da, só o pessoal da gente mermo, das casa que a gente ia. Porque era na minha casa, era o pessoal que tava aqui, ia pra casa de Zenaro [palavra inaudível], ia pra casa de Zé de Zenaro a merca cousa. Saia de casa em casa brincando. [silêncio] tua mãe [América] brincou de bacamarte também. Ela disse?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Foi... ela contou!

Entrevistado [José Lopes Biserra]: de casa em casa.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Aí tinha algum mestre? Alguém que comandasse dizendo assim: vamos começar a atirar! Aí ele era o primeiro a atirar ou quem quisesse já iniciava?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Eraaaa... car... carquer um que quisesse atirar primeiro atirava. As vez era eu, as vez era o zoto, né! Ozoto, carquer um... nós tarra in dez, doze, né! Ai... ééé... vamo começa atirar de um em um... tei... tei... tei... até terminar.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E quantos dias durava?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Quanto du... só... só... só noite de São João e noite de São Pedro.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Só esses dois dias.

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Só os dois dia!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E não praticava em nenhuma outra data?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não! Outra data, não! Só... somente essas duas data.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E era para comemorar o São João? Era em homenagem ao santo?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Era homenagem a São João [tosse]. É homenagem a São João. São João era São João e São Pedro era São Pedro, né?!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Na outra data do Santo Antônio não atirava?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não! Só São João e São Pedro.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como se encerrava?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Como se encerrava?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: É!

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Parava! Cada um ia pra suas casa.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Ia pra suas casas!

Entrevistado [José Lopes Biserra]: É! Cada um ia vai pra suas casa.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E tem alguma dança? Alguém tocava algum instrumento?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Se eu mandava?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Se tinha alguma dança? Se alguém tocava algum instrumento?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não! Não! Quando a gente andava num tinha dança não. Fazia [palavra inaudível] ... Tinha dança fora... otos... a gente sabia até umas dança, mas a gente... a dança num participava não.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: No seu grupo num tinha dança não?!

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não! Num fazia dança não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E as vestimentas? Tinha alguma roupa específica?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Tem! Tem camisa de São João.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Tem a camiseta, só?!

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Cê quer olhar pra tirar retrato?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Eu já tirei uma foto.

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Já?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Naquela foto que o senhor tem.

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Com aquela camisa?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Com a camisa preta!

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Já tem...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Já!

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Da preta?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: É!

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Tem preta, tem azul.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E tem alguma comida típica que era servida nessa data?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não... só... só... comé?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Se tem alguma comida que era só servida nessa data?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Teeeeem! Toda casa que chegava... tinha... tinha bebida, tinha carne... tinha coisa pa cumê.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Então começava daqui da sua casa?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Aqui sempre era a derradeira. Saia bem cedo e ia pum canto que podia... aí terminava aqui.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o senhor sempre fazia aquela ornamentação na frente da casa?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Na frente da casa!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Com palha de coco!?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Fazia a parede e largava a espingarda pra cima. Atirando...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E sobre as tradições entre um bacamarteiro e outro tinha algum costume do pai deixar o bacamarte para o filho para ele continuar o legado?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Tem não... até qui eu num sei... até qui fica pros filho tumar de conta, atirare, outos vendero, não quiseram mais brincar, destruirus. Ai os bacamarte... eles... a maior parte destruíu. Oh eu tinha dez bacamarte, só tem esses dois. Parei de dançar, Valério pegou dois ali, Zé de Menino tirou um, eu dei outro pra Mata Grande e os três desapareceram daí.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Tem quanto tempo que o senhor parou de atirar?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Porque eu quebrei a perna.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E tem quanto tempo? O senhor lembra?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Tem mais de dez anos.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Mais de dez anos?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: É dez ano... que eu quebrei a perna. Não dá pra caminhar, subi pra cima da serra pa tá andando. Eu não aguento andar, né?!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o grupo atirava em outras cidades ou só era aqui no Inhapi?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Só atirava aqui e nas casas pelos sítios onde eles moravam, que os que acompanhava morava nos sítio, só quem morava na cidade só era eu. Eu... marrozoto tudinho era no sítio, saia daqui, da Baixa do Galo, dali, no tempo em que... quando Zenaro tava brincando tombém nós ia pra casa de Zenaro, Pedo Titê... Zenaro, Pedo Titê, Zé Bimbarra, Titú, mais outos que tinha tudim, nós brincava tudim pelos sítio. Fazia...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Eu lembro de uma foto que tinha o senhor em Santa Brígida. O senhor se recorda de ter ido atirar em Santa Brígida?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Em Santa Brígida, né? Nós fumo num dia, fumo atirar. Pedro de Suterio também atirava. Aí fumo num dia brincar em Santa Brígida. Aí tiraram o retrato lá.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Foi! E o senhor lembra quem chamou ou tinha algum evento?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Naquele tempo Pedro Suterio morava lá, já morou lá. Aí tinha umas amizade ai tratou de ir, ai nós fumo. Aí foi bem uns dez. Também só brinquemo uma vez só lá em Santa Brígida.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E das recordações que o senhor tem da época que atirava, tem alguma que seja bem forte, que o senhor lembre?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Bem forte o quê?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: A lembrança que o senhor tem...Tem alguma que marcou? O senhor diz: "eita esse dia ficou na saudade".

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Era quaje todas elas...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Todas elas! Todas elas eram importantes.

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Era... Na inauguração de uma festa, uma coisa e outra ia pas casa, né?! Cê comprava uma espingarda, aí vinha brincar, vinha... se juntava tudinho. Você vinha na minha casa, eu ia na sua. Um ia na casa do outo, cada um fazia participação... todos eles, né? Nós saia... era dez... saia daqui ia pa Baixa do Galo. Pedro Suterio morava lá na época. Titú, Zé de Titú, Pedro Luiz, Zé de Pedro Luiz... tudo ééé... tinha espingarda... esses aí era tudo da Baixa do Galo. Ai quando terminava nós descia pra cá.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Aí vinham comer aqui?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Aí vinham fazer... vinham terminar aqui. Aí atirava aí que fazia gosto e comia uns tira gosto. Botava aí uma mesa de comida pra eles comerem. [disse com lágrima nos olhos]

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor tem saudade desse tempo?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: hem?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Tem saudade desse tempo?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Ah, eu me lembro muito, mas num... a saúde não dá pra brincar mais, né?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Ééé!

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Tem que ter paciência!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E tinha disputa de maior tiro? Quem atirava mais alto?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Ééé... tem uns que os tiros... tem espingarda que o tiro é maior que a das outa. Outos bota dois cartuchos, bota tiro, tiro desmarcado que lasca, quebra as espingarda, né?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o senhor atirava assim? Ou tinha cuidado?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Atirava não! A minha eu atirava a continha certa. Fazia os cartucho tudo igual, tanto fazia dá um tiro, como dá dez, vinte, vinte, trinta, né? Eu não fazia besteira pra buta dois cartucho dentro duma espingarda.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Pra não prejudicar a espingarda?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Ééé... Proque o tiro fica grande e o caba num sustenta tombém, né? Ai.. sacode pracolá e cai num chão.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E já houve algum acidente?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Já... Se machucaram já... Tinha gente que se machucou já. Uma vez a espingarda tá quente, o caba antes de se pepara... detona.. armava ela... antes de sustentar, escapulia e ela detonava e o caba ia acola e a espingarda caia no chão.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E ele caia, machucava a mão?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não... machucava não. Quando era assim ela num machucava não. Porque o supapo que dava, ela num tava bem colocada ai tumava das mao, ai...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: A espingarda caia e a pessoa caia no chão?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: É... caia fora. Na mão de Zenaro... Zenaro de vez em quando... ele bebia muito si de vez em quando tava sortando a espingarda no chão.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Mas o grupo deixava quem bebia muito atirar? Não era perigoso?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: A gente num deixava beber não. Quando estava bebendo... deixa para beber quando terminar a festa. Tá certo... aí... mas em toda casa tinha um litrozinho de cachaça ali encostado. Toda casa! É que a gente tinha cuidado mode eles não beberem muito, nê!?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o grupo já teve algum reconhecimento por parte da Prefeitura?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: se... da parte da prefeitura?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Se a Prefeitura ajudava?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Sempre eu brincava... tinha consentimento da Prefeitura. A prefeitura dava a pólvora. Valério comprava a pólvora pela prefeitura, o salito, né?! Mandava comprar o salito... eee...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E a farda era particular ou era a Prefeitura que dava?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Era a Prefeitura que dava. Valério mandava fazer e a Prefeitura que dava. Dava o salito... eee... as camisas era tudo pela Prefeitura.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E tinha mulheres que participava também? Que atirava?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Só teve só... só teve só Ma... Mari... América. América participou, já andou mais nós por ai por os sítio por todo canto... tua mãe.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Quando ela era mais nova?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: É... quando ela... era moça, num era casada não. Ai largou de andar porque [palavra inaudível] a espingarda dela... nós foi na casa de Zé de Pedo Luiz, ai ela carregou a espingarda e entremo pra dentro pra tomaa... pra comer um tiragostozinho a espingarda ficou pra cá, ai os caba pegaram butaram outro cartucho dentro. Ai eu fiquei com medo... antes dela pegar a espingarda pra entrar, peguei a espingarda, quando eu vi butei outro car... butei a vaqueta... ooooh... se ela fosse... se ela tivesse dado o tiro... tanto lascava a espingarda, como ela ia fazer uma arte. Ai a derradeira vez... deixei eles lá e vim embora mais ela. Não! Não quero mais não, não quero brincar não... no... no... a menina tava brincando, cês pega, bota ai... não sei quem foi que butou... outo... outa polva dento pa fazer o mal a ela, pa machucar ela. Assim não adianta eu trabalhar, vocês fica ai e eu vou embora... ai... [estalou os dedos] fui embora!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Aí essa foi a última vez que ela participou?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Foi a última vez que ela participou... Que ela atirarra... atirarra em uma arriunazinha boinha eee... ela atirava que fazia gosto. Mas o pessoal já estava com inveja, né... porque ela atirava.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Por só era ela de mulher que participava?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Só... só tinha ela de mulher que participava. Só participava ela.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E dos netos do senhor? Teve algum que participou?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Do meu neto... só... só... Cicinho... Cicinho participava... já participava tombém... já teve... mas nunca comprou espingarda. Cicinho de Zenaro. Ele

atirava praque o pai tinha uma espingarda, né... ai ele atirava em casa... atirava com a espingarda do pai. E um ano ele saia brincando mais nós... vez em quando ele participava.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Samuel e Luciano participou também?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Quem?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Samuel e Luciano? Eles participavam?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Eles não atiravam?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não! Não... eles num atiravam de jeito nenhum. Só quem participou um bocadinho de ano foi Cicinho de Zenaro.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Então eles só iam para acompanhar o senhor?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Aí eles ficavam em casa, né? Porque eles num tinha espingarda pra ele, né? Ai só tinha a do pai, né?... Em casa ele atirava, né? Teve tempo que eu saia mais eles, né?... Logo nos começo... logo, depois ai o pai pegou a beber muita pinga demais, ai... abandonou, não quis mais brincar. Botaram polva de mais na espingarda dele, aí estourou o cano dela.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Isso foi Cicinho?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: hem? acabou... ele não quis mais brincar de jeito nenhum. Nós brincava tudo... cicinho ia lá... mais ele não brincou mais não. Nunca mais!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa disso que a gente conversou? Que ache interessante e que eu não tenha perguntado?

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Se o... se o telefone?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Se o senhor tem algo mais a acrescentar. Que eu não tenha perguntado e que o senhor lembre.

Entrevistado [José Lopes Biserra]: Não... aí eu nem sei lhe dizer minha fia.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Pronto! Então a entrevista está encerrada. Como nada mais tem a acrescentar, dou por encerrada a entrevista com o senhor José Biserra.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, JOSÉ LOPES BISERRA, CPF nº 129.616.474-87, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 27/08/2022 e transcrita em 30/08/2022 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Vanessa Biserra Pereira. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Delmiro Gouveia, AL 30 de agosto de 2022.

APÊNDICE – 2

Entrevista realizada no dia 27/08/2022

Entrevistado: Genivaldo Vieira da Silva, conhecido como Geno, nascido em 09/07/1954, CPF nº 367.306.884-91, residente no Povoado Salão em Inhapi/ AL.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor participa ou participou do grupo de bacamarteiros do Inhapi?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Participei

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Por quanto tempo?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Pelos menos eu fui os últimos três anos que o grupo funcionou.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor lembra o último ano que funcionou?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Lia que ano foi aquele que eu brincava de bacamarte? (Pergunta para a esposa)

Esposa [Lia]: Que ano foi?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Sim!

Esposa [Lia]: Sei não... Os meninos eram pequenos!

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Anos oitenta num foi?

Lia [esposa]: Era!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Tem muito tempo então?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Tem muito tempo!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o senhor lembra como foi que surgiu o grupo? Quem foram os fundadores?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: O grupo de bacamarteiros surgiu com a figura de Zé do Bar. Foi ele... era... quando eu me alcancei de gente o finado meu pai já brincava. E já brincava acompanhado de Zé do bar. Ele é o fundador do grupo de bacamarteiros do Inhapi. Quem veio... todos eles seguiram a liderança dele.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor lembra que ano foi fundado?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Foi nos anos 80. Final dos anos 80. Agora não lembro...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: A data? O ano exato?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: O ano exato!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor sabe qual é a origem da arma?

o bacamarte?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Tem... Cientificamente eu não sei. Agora... Não tem nada escrito. Agora o bacamarte, segundo o finado meu pai, os velhos contavam que vem do nascimento de João Batista, quando ele nasceu precisavam avisar os parentes que moravam distante que o filho tinha nascido. E naquela época não se tinha foguete. Foguete veio depois. Então o jeito de avisar os participantes que moravam vizinho era com três tiros, dois era homem e três era mulher. Aí tinha o bacamarte, quando a mulher paria, aí você dava dois tiros de bacamarte, sabia que era homem, três tiros sabia que era mulher. Era um meio de comunicação entre os familiares de que o menino nasceu e o que era o sexo. Isso da história contada de pai para filho foi essa.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Certo! O grupo teve algum nome? Alguma identificação?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Chamavam o grupo de Zé do Bar. Esse foi sempre o nome. Não tinha um nome folclórico, não tinha um nome fictício. O nome se tornava em cima da... em torno da liderança de Zé do Bar.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Para participar dessa manifestação cultural precisava de alguma autorização dos responsáveis?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Precisava! Precisava que fosse uma pessoa que não fosse violenta. Você tinha que utilizar o bacamarte basicamente para realizar aquela brincadeira. Então você não iria... Porque o bacamarte ele pode ser uma arma. Já serviu em muitas guerra. Então o uso do bacamarte ele teria que ser para uma pessoa que não fosse violenta. Que não tivesse um histórico de violência. E era entre amigos. Só entrava quem era amigo de todo mundo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Sabemos que aqui na cidade do Inhapi há uma aldeia indígena. Já houve participação de algum indígena no grupo?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Não! Na época não tinha nem aldeia. A aldeia foi reconhecida a partir... quando o grupo... quando todo mundo já ficou muito velho e o grupo meio que acabou.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Pessoas de outras cidades vinham participar?

Entrevistado: [Genivaldo Vieira da Silva]: Tinha... Tinha um indígena! Tinha um indígena que participava, era João Suter, que é pai do cacique hoje, que sempre participou. Que é pai do cacique, do pajé, da turma que toca a aldeia.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: No caso o atual cacique hoje, ele chegou a participar?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Não. Só o pai dele!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Pessoas de outras cidades participavam ou era restrito apenas para os moradores?

Entrevistado: [Genivaldo Vieira da Silva]: Não! Só era restrito ao município de Inhapi.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como se iniciava a brincadeira?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: A brincadeira se iniciava meses antes. O preparatório... Era preparar o principal... o principal produto que era a pólvora. O bacamarte era apenas a pólvora e papel. Então se participava no feitio da pólvora que era sempre cada um daqueles grupo iria naquele dia, um dia por semana fazer a sua pólvora. E Zé do Bar era o mestre que sabia todas as técnicas de preparar a pólvora.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Então ele que preparava para todos?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Não! Cada um preparava a sua. Zé do Bar preparava a pólvora de todo mundo. Agora cada um tinha o seu dia de preparar sua pólvora.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E quantos dias durava a festividade?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Durava na véspera de São João. No dia e no outro dia. Basicamente três dias de São João e três dias de São Pedro.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como se encerrava?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Sempre se iniciava em Inhapi, na cidade, em torno de uma fogueira, que era a fogueira da casa de Zé do Bar. Após esse período iria até a estátua do Padre Cícero e dali saíria para casa de todas... se tivesse 30 pessoas brincando de bacamarte naquele dia iria para as trintas casa. Festejar em cada casa.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o último ponto?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: E o último ponto de volta, encerrava também em Inhapi, na casa de seu zé do Bar. Aonde guardava grande parte dos bacamarte. E ele tinha uma grande coleção de bacamarte que as pessoas que não podia comprar ele emprestava o bacamarte.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Quais as tradições? Tem alguma dança? Alguém tocava algum instrumento?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Não. Não tinha nada!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E as vestimentas?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Também não tinha vestimenta. Cada um se trajava como queria.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Tem alguma comida típica que era servida aos bacamarteiros?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Não, mas todas as casas preparava sua comida de acordo as condições de cada família. Basicamente a base de carne de galinha, bode, buchada. Não tinha churrasco porque a passagem era muito rápida, por cada casa.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Ainda sobre as tradições; entre os Bacamarteiros do Inhapi há algum costume do pai deixar o bacamarte com o filho para que dê continuidade ao legado?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Basicamente se encerrava com a morte do pai. Eu... o finado meu pai tinha meu irmão, que era mais velho, depois eu continuei, quando ele também já não podia mais eu continuei já nos últimos anos grupo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Atirava em outra data ou apenas no São João?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Não! Apenas São João e São Pedro.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E atiravam em outras cidades ou só aqui no Inhapi?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Só no Inhapi.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Por se tratar do manuseio com arma de fogo é necessária alguma autorização da Polícia ou do Exército?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como o bacamarte é adquirido? Fabricação artesanal ou comprado em loja?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Era fabricação artesanal. Tinha os ferreiros que faziam da época.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E os mesmos ferreiros, quando dava algum problema, eles que consertavam?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Consertava!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Eram daqui mesmo do Inhapi ou tinha que se deslocar para fora?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Era! Tinha Gonçalo Fuiço... tinha... tinha várias pessoas que fabricava arma artesanal. Fabricava espingarda para caça e também fabricava os bacamarte.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E essa pessoa ainda é viva?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Não. Não tem mais ninguém vivo. Eu acho que quem faça mesmo não tem mais ninguém vivo. Deve ter... não... não tem mais ninguém vivo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Havia disputa de maior tiro entre os bacamarteiros?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Tinha... tinha quem era a pessoa que daria o maior tiro.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E já houve algum acidente?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Não! Aí era cuidadosamente... a bebida alcoólica, ela era basicamente controlada para que você não ultrapassasse aquela quantidade.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Quando tinha alguém que estava bebendo?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Aí se recolhia o bacamarte.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O grupo teve algum reconhecimento por parte da Prefeitura?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Não! Era totalmente centrada na figura de seu Zé do Bar.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E para o senhor: o que é ser um bacamarteiro?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Ser um bacamarteiro significava uma família. Uma família de amigos. Que a amizade não se durava só naquela época, mas a amizade durava o ano todo. E sempre aonde se estava reunido, se tratava... sempre aparecia as brincadeiras, o assunto em torno do bacamarte.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor gostaria de acrescentar algo sobre o que a gente já conversou, que eu não cheguei a perguntar, mas que ache interessante constar na entrevista?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: É... eu acho importante que você perguntasse a seu Zé do Bar, que está vivo, novo, lúcido; um pouco isso, o que é o bacamarte? Que essa entrevista fosse um pouco... que completasse por ele. Que fosse preenchida mais por ele... que era que... porque era a única brincadeira que ele participava. Ele não participava de nenhuma outra brincadeira durante toda a vida que eu conheci ele. Ele só fechava o bar dele para fazer exatamente isso.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Certo! Mais alguma coisa a acrescentar?

Entrevistado [Genivaldo Vieira da Silva]: Não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Pronto! Como nada mais tem a acrescentar dou por encerrada essa entrevista com o senhor Genivaldo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, GENIVALDO VIEIRA DA SILVA, CPF nº 367.306.884-91, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 27/08/2022 e transcrita em 30/08/2022 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Delmiro Gouveia, AL 30 de agosto de 2022.

APÊNDICE – 03

Entrevista realizada no dia 08/10/2022

Entrevistado: Zenário Lopes Alves, nascido em 11/02/1950, RG 1044310 – SEDS/AL, residente no sítio Roçado, zona rural de Inhapi/AL.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Qual o nome dessa localidade onde o senhor reside?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Sítio Roçado

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Há quanto tempo o senhor reside nesse sítio?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Está com 60 anos. Não... Bote 50 anos.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Esse sítio pertence a aldeia Indígena Koiupanká?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não! Aqui não pertence, não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor já residiu na aldeia Baixa do Galo?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor participou do grupo de bacamarteiros do Inhapi?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Sim, já!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Como o senhor conheceu essa prática de atirar com bacamarte?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Conheci mode Zé do Bar, né? Zé do Bar era quem brincava, aí eu entrei na brincadeira mais ele, inter um tempão.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o senhor lembra onde foi que ele conheceu?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Onde ele conheceu?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Sim!

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Ele conheceu por aqui mesmo. Que ele morava aqui mesmo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E aqui antes dele atirar, outras pessoas já atiravam?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Rapaz... ai... ai também eu não sei, né. Como ele começou primeiro, como ele é o mais velho, né?! Quando ele atirava aqui, eu era solteiro na Baixa do Galo... moleque, né? Ai depois que eu casei e vim pra aqui e depois eu encontrei mais ele e fiquemo brincando, mais ele.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E essa Baixa do Galo fica onde?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Fica pra cá... assim! [aponta para a estrada que fica ao lado da casa].

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Não é a que fica na aldeia?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não... Não... a aldeia é aqui [aponta para a estrada que dá acesso ao centro da cidade]. A Baixa do Galo é pra cá.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: É um sítio também?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: É lá é sítio... Baixa do Galo!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor sabe dizer como ou quando surgiu essa arma? O bacamarte? O senhor sabe a história dele?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Sei não!... Eu sei que... a história do bacamarte, quando eu entrei, Zé do Bar já brincava, né, mais aquele pessoal mais velho. Depois eu...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor lembra o nome desse pessoal mais velho?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Lembro! Um bocado eu lembro... Era Zé Casaca, Zezé Sinhô, era... Nené Criança era um bocado deles.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E esses senhores ainda estão vivos?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não! Já morreram tudo. Esses velho já morreram tudo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Em que época acontecia essa prática e como funcionava?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Em que época?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Em que época acontecia? Que o senhor atirava?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Agora aí... num...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: A época do ano?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Na época do São João... São João e São Pedro, né?! Tudo numa época só... dia de oito dia, né?! Só no São João mesmo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como acontecia? Tinha alguém que comandava?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Só Zé do Bar...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Só Zé do Bar?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: É... Zé do Bar dava conta de nós tudo. Era o mandante.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E quais eram as ordens que ele dava?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: As ordens?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Era!

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Bom! As ordem que ela dava era. Ande num dá bacamarte... A gente tá atirano... ai chega um senhor ou outo chei de cachaça, que andava muita gente mais nós, nerá?! Ai não dá, não entregar o bacamarte pra quela pessoa, pois ele nunca atirou, no meio de muita gente, ai vai dá um tiro errado ali pega numa pessoa, o responsável era Zé do Bar, nerá... o responsável era Zé do Bar. A ordem era essa... olhe não dê bacamarte a ninguém. Só quem sabe atirar mesmo, mas esse pessoal que acompanhava [palavra inaudível]... que acompanhava muita gente... que trabalhava... trabalhava com cachaça também. Que em cada casa tinha cachaça, tinha galinha torrada pra gente cumê. Ai aqueles pessoa de fora acompanhava nós... aquela turma danada de gente. Aí ele recomendava... olhe num dê bacamarte a ninguém. Ai se haver algum arte ai... ééé por conta de mim.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como era que acontecia? O senhor chegava no São João e tinha o combinado de?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Antes de chegar o São João ele combinava. Antes de chegar o mês de São João... uns três mês ante. Ele combinava com aqueles pistolero... Aí ele fazia aquele orçamento... ai nós comprava salito, enxofre, carvão. Aí ele fazia aquele orçamento, né... pra gente ajudar ele né? Aí ia compor aquela porcentagem de pólvora... ai ia fazer... ai se juntava todo mundo e ia fazer... pisar.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E fazia aonde?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Na casa dele... na casa de Zé do Bar. Ele mandava trazer de Caruaru... aí noizi...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Todo material era trazido de Caruaru?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Material?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Era... que material era trazido?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Era salito, enxofre, arco... Arco acho que ele tinha aí, ele comprava... ele vendia ai mermo, ai tinha ai mermo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O arco que o senhor diz é o álcool?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: É o arco... esse arco aí...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como era que era pisado? Como é que era feito?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Como era feito?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: É... a pólvora!

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: A pólvora a gente pisava o carvão, aí peneirava o carvão... e Zé lá cozinhando a água, aí pisava a pólvora... pisava o carvão, ai misturava com arco e enxofre e água e pisava no pilão. Quando tava no ponto mermo, aí ele mesmo sabia qual era o ponto... Zé mermo sabia o ponto. Aí vinha... tirava aquela pilãozada e ele butava nus

papelão... botava pra lá... e vinha outra de novo... pisava... 15... 20 pilãozada de pólvora. Depois quando pisava ele botava pra lá e depois secava... botava em riba dos salão e secava a pólvora. Ai dava cada um o seu. A gente gardava... ele mermo encartuchava. E pronto... aí ali tava pronto e quando era no dia que a gente ia brincar...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como era que iniciava a brincadeira?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Como era?...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Como era?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Que iniciava?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Que iniciava... que começava?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Quando era na... na... na fogueira de São João todo mundo já estava combinado. 15 dias ante aí ele combinava pra gente ir. Ai a gente ia pra lá, brincava... saia brincando... assim... a gente saia nas casas, brincando, atirando... atirando... atirando. Ai no derradeiro dia era na casa dele, todo mundo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Começava por que casa primeiro?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Aí... aí... nós começava na casa dele. Na boca da noite. Ai saia no mundo, passava a noite brincando... passava a noite brincando nas casa dos colega, quando era... e o dia. Ai quando era de noite, no outro dia de noite... era... terminava na casa dele.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E tinha alguma regra de quem tinha que começar a atirar?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Juntavam todos...?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Se ajuntava ninguém rezava não.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Todo mundo atirava junto!

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Era... todo mundo atirava.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E tinha competição de maior tiro?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Como era?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Competição de maior tiro... quem dava o tiro mais alto?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Tinha... as vezes o bacamarte ele carregava mais... mais pólvora... aí no dia eu atirei... pessoal tudo cachaçado e eu lá também... ai botaram dois cartucho lá no... no bacamarte. Quando a gente carregava, de vez em quando a gente aprovava que tinha dois cartucho, né?! irriba um do outro. Ai quando eu peguei o bacamarte... eu fui provar o bacamarte e tinha dois cartucho dento, Ai eu dixei: eita e agora quem é que atira? Ai eu dixei...

eu vou atirar... aí outro disse não... não atire não... Ai eu disse, eu vou atirar... eu vou atirar. Ai eu cheguei lá na calçada lá... ai abrir as pernas, ai firmei o bacamarte, quando detonei, eu cai e ele saiu ráááá na calçada cabeça a cima. Tiro demais!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Isso foi onde que aconteceu?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Tiro demais... tiro demais... ai ele derruba o cara, sabe?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o senhor ainda atira na época de São João?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Atiro... tenho uma polvorazinha ai ainda. Esse ano mesmo eu atirei... São João... São Pedro, mas pouquinho, sabe? Porque a brincadeira... a brincadeira só é bom muita gente, mas acabou-se o pessoal, uns deixaram de atirar... tudo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Tem quanto tempo que o grupo se desfez? Se acabou?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Ah, faz tempo! Bom... quando eu terminei de brincar mais Zé, tá com uns 15 anos que eu deixei de brincar... de andar mais o povo, né? Ai eu deixei... Ai o tempo que meu menino se queimou... meu menino se queimou, o José... se queimou, ai eu deixei de brincar. Ai... deixei de andar mais eles. Ai brinco assim só em casa mesmo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o que foi que aconteceu que ele se queimou?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Que foi que aconteceu?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Sim!

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Nós tava andando... Nesse tempo era 20 pessoa tava andando... tudo atirando. Ai viemo comer um carneiro aqui em casa. Ai quando nós andemo, andemo... Quando disse: Vamo pro almoço! Ai viemo... Chegemo em casa... era nota casa velha ali. Aí meu menino vinha com o bacamarte meu e a polvora no... no borna... no borna. Ai quando chegemo em casa aí, todo mundo se acentaro... coisa e tal e a muier cuidando da comida e tudo. Ai quando foi na hora da comida... aí entra... entra pra almoça. Ai os homi entraro pra almoça e os menino ficaro... andava um bocado de rapazim também andando... aí os menino ficaram atirando, Zé ficou atirando com o borna empudurado e os outro atirando, ai nós entremo. Quandi... pensamo que não... aí vimo... disse: eita Zé se queimou. Quando disse assim... saimo pra fora e ele estava se incendiando. Tudo que ele atirou... lá fora, ai a... a espoleta pegando fogo né, aí vei pô dentro do bornal dele... [faz gesto o objeto caiu na lateral do corpo] tinha a polvora, néra?! aí incendiou. Ele estava com uma camisa de malha, nera?!... Aí ele correu... me acuda... me acuda... ai ele correu pelo terreiro... pelo terreiro... e quando nós saimo pra fora ele já estava todo cheio de lavareda. Ai botemo a camisa dele fora, mas ele se queimou... se queimou no braço... queimou umbigo... queimou-se todo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E esse foi o único acidente que aconteceu ou aconteceu algum outro acidente com outra pessoa?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Durante o tempo que vocês atirava...

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não... não... aconteceu só com esse mermo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E todos os seus filhos participaram do grupo? Atiravam também?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Os meus menino?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Sim!

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Só ele mermo!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Qual o nome dele?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: José Lopes Lins Alves!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Pessoas de outras cidades podiam participar ou era restrito apenas aos moradores daqui?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Como é que é?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Pessoas de outras cidades vinham participar? Atirar também?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não... só... não... não... só dos sítio mermo. De outras cidades num vinham não. De outros cantos num vinham não. Só dos sítio mermo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Além do senhor, ainda tem outras pessoas que atiram com bacamarte por aqui?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não... A polvorazinha acabou e eles também não fez não... Cumpade Pedro também ali... meu cumpade ali ele atirava...deixou de atirar também... acabou a farra de bacamarte acabou.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Durava quantos dias a brincadeira?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: A brincadeira?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: É!

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Começava num dia e no outro... como é... começava num dia e na véspera terminava... começava hoje e ia terminar amanhã.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: No grupo houve participação de algum indígena? De algum índio?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Houve!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor sabe o nome dele?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Finado João Suter. Mas nesse tempo num era índio não... num era ninguém não... esse índio aí... inventaram de uns oito ano pra cá, mas nesse tempo num tinha negócio de índio aqui não.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E tinha alguma dança que os bacamarteiros faziam? Alguém tocava algum instrumento?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não! Quando nós brincava num tocava não. Era só assim... aquela turma... só com... zoadando e andando no meio do tempo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Tinha alguma farda que os bacamarteiros usavam?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Farda?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: É!

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não! Depois que eu deixei de brincar. Zé do Bar inventou uma fardinha.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Tinha alguma comida que era servida aos bacamarteiros? Que era servida só nessa época?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Comida tinha muita. Toda casa que nós tava tinha comida... quer dizer pelo meno aqui em casa e na casa de Zé do Bar. Agora nos outro canto, só era galinha, pamonha, bolo... essas coisa, né?! Mas dá muito mermo só era mais aqui, quando se ajuntava tudo ou então na casa de Zé do Bar. No final!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Ainda sobre música: eu vim um vídeo que tinha um pessoal que ficava em volta da fogueira e vô ficava tocando um chocalho.

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Quem?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Vô Zé do Bar!

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Era... agora... eu não sei onde Zé do Bar tava.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Era em um sítio. Tinha uma fogueira na frente da casa.

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Aí ele com um maracazinho, nera?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Isso! O pessoal ficava cantando uma música e arrodando a fogueira com brincadeira.

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Mas num tô lembrado não, mas acho que nós brinquemo assim mermo. Não sei se foi na casa dele.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor não lembra de nenhuma música que cantava?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: [palavra inaudível] não num me lembro não.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E por se tratar de utilizar arma de fogo era necessária alguma autorização da polícia ou do exército para brincarem?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não! Num tinha não.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Atiravam em outras cidades ou só aqui no Inhapi?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Só aqui mesmo e nós sítio, só.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Nunca viajaram pra Delmiro...?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não... Fumo pra Santa Brígida.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Aí eu num sei não... [risos] Tem uns 15 anos ou mais... tem mais... bem mais...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: De todos esses anos que o senhor participou tem algum que mais lhe marcou? Que o senhor lembra?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Que mais o que?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Que o senhor tenha uma lembrança forte desse dia de está reunido com eles brincando. O senhor lembra de algum desses? Que tenha lhe deixado saudade?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Ah tem... os que morreram, né? Os que morreram deixaram muita saudade, porque... quando morreu a gente brincava ainda... ai fartava, né? ai tinha aquela saudade... eita mas se fulano tivesse aqui...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como o bacamarte era adquirido? Era fabricação artesanal ou comprava em alguma loja?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não! O bacamarte era Zé que fazia. Quem quisesse bacamarte... a gente encomendava a Zé. Ele arrumava os cano... arrumava os cano... ai ele tinha um home in Del... in Palafonso que fazia o bacamarte. Ele levava os cano pra lá, ai fazia e já vinha pronto. Ai a gente comprava a ele.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E quando quebrava? Quem consertava?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Era difícil quebrar... só quande... a bola... o vido... era o ferreiro... chamava o ferreiro que ele butava.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Aqui mesmo no Inhapi?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Aqui mesmo!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o grupo teve algum reconhecimento por parte da Prefeitura? Alguma ajuda?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Nunca teve, não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E para o senhor o que é ser um bacamarteiro?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Como é que é?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O que é ser um bacamarteiro na sua opinião?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: O que é ser?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: É!

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Ééé... um divirtimento, né? um divirtimento... É um divirtimento que quando chegava naquela época de São João e São Pedro, aí mode tinha aquele divirtimento... eita, vamo atirar. Ai... o negócio era aquilo, né?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor já escutou alguma história de como surgiu essa brincadeira com o bacamarte?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Quem inventou?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como acontecia esse trajeto de sair da casa de seu Zé do Bar?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Quando nós saia... quando nós se ajuntava na casa de Zé do Bar, bem cedo... quando nós saia... nós saia bem cedo já pra... andar no mundo o dia todo, né?! Ai premeiro nós saia aqui ó [aponta para a estrada na frente da casa], subia por ali, por os índios, subia pro cruzeiro... ai saia atirando... ai saia na Baixa do Galo... na casa dos ir... do... do bacamar... do... dos... dos caba que tinha bacamarte, mas eles todos. Ia na Piedade, aí vortava, vinha pela Baixa do Galo... atirando. Passava na casa de Zé... de Zé... de Zé Bimbarra... na casa deles tudo. Aí vinha e quando terminava era na casa de Zé do Bar. Ai num dia nos fumo... Titô dizia... Zé do Bar dizia: "Titô inda um dia eu vou tomar sua fogueira". "vai nada Zé... Cê vai nada! Cê tem coragem nada"... "Vou!... vou!"... Aí... um dia Zé do Bar rumou uma imbulância, ai dixeu ramo pra casa de Titô. Ai inchemo a imbulancia de gente e fumo pra lá... e foi meia noite... chegamo lá... [palavra inaudível] Saimo lá pra casa de Titô... Aí disse oxen essa imbulancia? Pra que essa imbulancia veio vê aqui? eu num tô doente, o que foi?... ai quando nós decemo tudo... disse oia... ai disparemo bacamarte tudo na fogueira dele... bei... bei... bei... "Eita Zé do Bar... cê disse que vinha e vei mermo Zé do Bar"... disse: "oia Zé do Bar, não tenha nada aqui... eu num tenho nada aqui. A mulé me deixou. Eu não tenho nada aqui... o que tem aqui sé laranja." Aí foi lá, pegou o balaio de laranja e veio pá nós chupa, nós chupemo... truvemo... ai foi uma coisa boa. Ai outro ano... aí outro ano Mauro... Mauro também Bimbarra. Zé dizia: "Mauro ainda vou tomar tua fogueira... vá não... vai... vou... vou tomar." Ai num dia saiu eu e Beto e cumpade João Suterio aí fumo tomar a fogueira dele. Cheguelo lá ele num tava... ele já tinha saído. Porque ele era uma turma... a dele... nossa turma... nossa... a dele tinha

outra turma. A turma dele era da Alagoinha... que ele brincava com a turma da Alagoinha... Ai quando chegemo na casa dele, gritemo ele, ai a muie saiu... tá não... então receba essa: ai dava aquela descarga... de... de... de bacamarte... De lá da Alagoinha ele via tudo. Ai dixee eitaáaa, mas Zé tumou a fogueira de Mauro. Ai ele ficou jurando: um dia vou tumar sua Zénaro. Cê foi... depois nós avistamo ele... Aí ele disse: um dia eu vou tomar a sua fogueira. Ai eu disse: vai nada! Ai nunca mais veio. Mas nós gostava dessa brincadeira de tomar a fogueira do outro.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Então essa era uma tradição que os bacamarteiros daqui tinham?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Era... mas tudim brincava de bacamarte. Era porque um duvidava do outro, que num ia... num ia tomar a fogueira... aí a gente ia de traição mesmo...ia sem ele saber... quando ele dava fé nós tava na casa dele.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Então todos os anos tinha algum que perdia a fogueira?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Era... todo ano tinha essa brincadeira. Aí acabou, né?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: A última pergunta: o senhor gostaria de acrescentar alguma coisa nisso que a gente já conversou e que eu não tenha perguntado?

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Se eu tenho... a acrescentar?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Sim!

Entrevistado [Zenário Lopes Alves]: Não!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Então eu dou por encerrada a entrevista com o senhor Zénario!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, ZENÁRIO LOPES ALVES, RG nº 1044310 SEDS - AL, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 08/10/2022 e transcrita em 09/10/2022 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

*Zenário Lopes Alves

Delmiro Gouveia, AL 09 de outubro de 2022.

APÊNDICE – 04

Entrevista realizada no dia 08/10/2022

Entrevistada: Antonia Lins Alves, nascida em 10/08/1950, CPF nº 037.176.964-75, residente no sítio Roçado, zona rural de Inhapi/AL.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Qual a sua relação com o grupo de bacamarteiros do Inhapi?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Era cuidar de comida pra eles. De recebê-los bem direitinho, com muito carinho. Por que a pessoa fazer de... duma casa... duma família de gente, de boa pessoa e no fim a gente se acovardar. É muito ruim, né? Aí eu recebia eles com muito carinho... com muito amor. O que eu pudesse fazer... butar na mesa de beleza pra mim era...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: A senhora é esposa de algum integrante do grupo?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Sou esposa do senhor Zenário.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: A senhora já atirou?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Atirei muitas vezes [risos]

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Quem ensinou a senhora a atirar?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Ninguém... Zenário deixava os bacamarte ali em pé, e eu só era sai pra fora e dava um tiro. Quando ele vinha... quem atirou?... Foi eu... era doida... as vezes com um buchão desse tamanho [fez gesto com as mãos que a barriga estava grande].

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Grávida e atirava?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Oxeee... gravi... atirava... oxeee... mais é bom demais homi. Só é deitar aqui ó... na cab... no ombro... [levanta os braços para cima e sinaliza que atira com os braços erguidos]

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Quais as lembranças que a senhora tem do grupo? Que eles iam na sua casa e atiravam.

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Que eles vinham na boca da noite, vinham tomar fogueira da gente, a gente ficava um pouco pasmado... quando era com um pouco ia fazer comida... ia fazer coisa pra eles comerem.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E a senhora só participou quando eles vinham pra sua casa ou acompanhava o trajeto que eles faziam?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Não! Nunca acompanhei, não. Num gostava de jeito nenhum.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Tinha outras mulheres que atiravam?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Não! De mulé que atirava só era eu.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Tinha criança que participava?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Tinha muitas... juntava muitas... andava aquele grupo de criança atrás da beleza, né? Porque isso é uma beleza... toda casa que chegava tinha comida... toda casa que chegava tinha bebida... quer dizer, toda casa não. A verdade é essa... tinha fartura só aqui, as outras casas era uma galinha dentro de uma bacia com farinha e cada cá pegava um pedaço e... [passou uma mão sobre a outra indicando que iam embora]

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Aí as crianças só olhavam, mas não atiravam?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Não... nenhuma entrava não. Nem na casa de Zé do Bar criança não entrava pra comer. Só comia os bacamarte. Era... a verdade é essa.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Os seus filhos participaram?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Participaram! O meu filho mais velho.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Qual o nome dele?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Ciço... O meu filho mais velho, esse que se queimou-se, participou... brincou muito. Pra eles é aquela beleza da vida! Que era rapaizinho novo... ele casou com 16 ano. Num tinha diversão pra sair, a gente num deixava ele sair pra diversão fora. A diversão era em casa mesmo... então brincava a turma.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Então só foi esse seu filho mais velho que participou?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Não! E esse que se queimou-se. O segundo, José. Esse mais velho é Ciço.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como foi que ele se queimou?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Eleee... o pessoal entraram pra dentro pra comer e ele ficou do lado de fora mais os outro menino com o bernal do lado e pegou o bacamarte. No que ele deu o tiro, avoou a faísca de qualquer... ou dos outros ou do dele... que o borna incendiou com cento e tantos cartucho de pólvora. Queimou ele... ele é alvinho... ele era bem alvinho... ainda hoje é... mode a qualidade dele tá escura, mode ele queimou-se. Ele era desse tamanhinho assim [ergueu o braço a uma altura de aproximadamente 1,30m]. Quando eu sai pra fora, eu disse a cumpade Daci, cumpade Daci era bacamarcista também, de quem é esse menino cumpade? Num é José cumade! [disse com uma voz de espanto] Digo: é não cumpade, num é José não. O menino estava pretinho como se é o carvão.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]:Essa altura que a senhora faz é o que? Mais ou menos um metro e meio que ele tinha?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Que ele tava?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Sim!

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Nada... ele era criança. Ele tinha 13 anos, homi... era criança. É porque menino é atentado. Que o menino não pode pegar no bacamarte com 13 ano, mas todo mundo entrou pra comer e eles ficaram fazendo a vez deles, que ninguém deixava mesmo, né?!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como é que eles brincavam? Qual o trajeto que faziam? Vinham daqui da sua casa... começava daqui?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: A brincadeira que eles saiam?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Sim!

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Daqui eles saiam pra casa de cumpade Daci, da casa de cumpade Daci ia pra casa de cumpade Pedro de Liu e de lá subiam na estrada atirando. Chegava nesses meio de serra ai... que é serra acolá na beira da estrada sortando tiro... eles lá e eu daqui... pei... pei... acola tem um atrevido insurtando nós... e eu...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Eles achavam que a senhora estava insultando?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Éééé... porque eu... diziam mermo... por que quando tivesse um pessoal atirando num canto, quem tivesse atirando ali tava insultando quem andava. Quando era hora dele... eu arrumava tudo direitinho, cuidava, ajeitada... quando era hora deles vim, eu ficava aqui com a vasilha de pólvora e o bacamarte insultando eles, quando eles chegava naquela casa ali ó... onde tem aquela casa vermelhinha que foi feita agora... eles ficavam naquela serra... bei... bei... aqui só dava a fulga carregar... tome... tome... Agora ali tem uma atrevida, e eles não sabiam que era eu... os bacamarte de Zé do Bar, que ele já deixava pra eu... e eu tome... tome... eu sou atri... eles são muitos e eu sou uma só para enfrentá-los. Cumpradre Zé Bimbarra também... um cumpadre nosso... ele... quando chegava aqui... mas cumadre Antonha... agora a senhora é perdida. E o que foi que eu fiz com o senhor que eu sou perdida? Não... eu tenho meu marido... tenho minha família. A senhora é perdida, fica aqui caladinha insurtando... insurtando nós e nós dizendo que é um indivíduo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: A senhora recebia alguma ajuda para fazer as comidas?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Nunca ganhei nada na vida, mule!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Nem a prefeitura ajudou?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Nós num tinha coloiu com esse pessoal aí não. Num tinha não, nós não tem. Inda hoje nós não tem coloiu com ninguém. Nem com Valério nós tem.[palavra inaudível] O negócio é porque Zenário toda vida, oia... nós somos pobres e o que nós tem... eu... eu tenho uma grande riqueza na minha vida que é meus oito filho, que Deus me

deu, dezessete netos e cinco genros e três noras. A maior riqueza que eu tenho na minha vida. Tenho a terrinha de morar e a casa, mas toda vida Zenário foi assim oia... franco... tudo dele matava um carneiro, matava peru, matava pato... nós criava muito pato, pra fazer aquela festona de comer... quando ele saia, no outro dia chegava, eu dizia olha: agora quando for procê brincar arrume gente pra ajudar cuidar que eu não vou me lascar sozinha não. Uma panela duma carne... uma panela de outra... uma panela de outra... buchada... bolo pamonha, bolo de milho, bolo de massa puba. Mulé, oia... eu trabalhava tanto nesse mundo pra dá conta dessa comida desse pessoal, mas eu fazia com aquele maior gosto, pra receber aquele pessoal de cara bonita, fazendo aquela beleza... de bonito, mas eu tinha raiva era dele, porque quando os bacamarte passava era 15, 20, 25, 30 vinha 40, 50 acompanhando eles, porque sabia que onde chegava tinha o que comer. Nas casa dos outros não, eles torravam uma galinha, botavam numa bacia, botava farinha ali, ai cada cá pegava um taquinho e saia mordendo e pronto.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E a senhora lembra os anos que isso aconteceu?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Tô podendo o que?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Os anos? Que ano foi que aconteceu?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Eu num me lembro, não. Minhas filhas deve se lembrar que elas tava aqui. Nós fazia dendi casa. Era aquele aperreio... aquele acocho, mas nesse dia nós quisemo fazer bonito mermo. Oi, mulé... só Deus que prepara as coisas. Não tem mais do que o senhor. Ramo fazer... vamo butar pra pocar... comprei melancia na feira, abri uma melancia, botei ela ali numa bandeija... fizemo bunito mermo... foi o derradeiro ano... fizemo... mas fizemo pra quebrar mermo. Cuma quem que Deus diz assim: faz que eu vou te ajudar. Como me ajudou muito.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E isso tem quanto tempo? Essa última vez?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Minha fia isso tem mais de 19 ano, isso. Hoje Josenária tem 22 anos. Ela era novinha... tem... tem uns 19 anos esse acontecido.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E quando eles chegavam na sua casa só vinham comer ou atiravam aqui também?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Atiravam, mas aquele atirado deles... aquele tiroteio deles eram pouquinho, dava uns tirinho quando chegavam e dava outros quando saia. Daqui nós escutava dos outros cantos o morro. Tem a história do morro, viu?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Que história?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: dez... vamos dizer que você carrega dez bacamarte. Ai aqueles todo dez atira de uma vez. Chama-se o morro. Quando você sorta o seu, eu sorto o meu, todo mundo sorta de uma vez só. Só que aqui num tinha essa história, não. Um

bocado vexado pra ir para os outro canto, pra pólvora render... preles... pra eles andar, né?!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E onde fica esse morro?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Chama-se o murro... o murro do bacamarte... vamo dá o murro... ai enchiam... carregavam aqueles bacamarte tudinho e encostavam ali. Ai quando ia... um, dois, três... até o derradeiro.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O murro do bacamarte... aí nunca atiraram aqui, só atiravam assim em outro?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Atiravam quando chegava e quando saia. E também não tinham muita palestra, não. Era só o tempo de comer e caia no mundo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E eles dançavam? Tocavam algum instrumento?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Não! não botavam... não tinha instrumento nenhum. Era só cum... o negócio de cachaça que eu não sei chamar o nome, aqui atira colo... daqui acola bebia aquele pouquinho. Era um negócio de pau... era até de pau... de madeira. Todo pintadinho de vermelho, desenhado... desenhadinho e pintadinho de vermelho, nas costa aqui. Era Zé do Bar que era o carregador... mas só bebia quem ele quisesse, quem ele desse.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Não tinha nenhum chocalho e nem zabumba para acompanhar?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Não! Não tinha nada. Não tinha um pandeiro, não tinha um violão, não tinha nada. Era só os pistoleiro!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Só atirar e conversar e beber?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Só atirar e ir simbora. Era uma festa assim, como uma tradição que Zé do Bar pegou devagarzinho... devagarzinho foi começando a juntar gente. Ai quando chegava na casa dele, ia assar carne... aí as porta era fechada. Num era pra menino... num tinha menino pra entrar assim e pegar comida ali não. Era só para aqueles que tava trabalhando, que andava mais ele. A verdade é essa, porque meus menino chegava... ah lá na casa de Zé do Bar num é todo mundo que entra não. Ele fecha a porta... eu digo ó... isso aí... eu... sabe de uma coisa... por que tá em gravação a gente num proseia... num... eu disse eu num sou boa pra todo mundo, mas não sou ruim com ninguém.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E a senhora gostava dessa tradição deles atirar?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Eu gostava! Eu achava muito bom essa tradição... essa brincadeira, porque meu marido não dançava, nunca foi... ele era dançador porque trabalhava a semana todinha pra gastar... numa festa. Mas depois que nós casemo, ele nunca foi num baile, ele nunca foi numa festa, ele não vai numa novena, ele só vai... o que ele caminha bastante é pra velório, mas ele não é de sair pra canto do mundo nenhum. Agora mermo vai casar uma

neta minha... ainda hoje uma filha ligou pra nós ir, ele dixe num vai não, que eu não posso ir... não vem de avião... e eu... ele dixe não eu num vou deixar a minha veia só, aí por isso que eu digo a você, podia brincar... o divertimento que ele tinha era esse e eu fazia com muito gosto na vida, porque tudo que ele pegava era pra dentro de casa, quer dizer, que eu fazia aqueles gosto a ele. Mas foi me fazendo raiva, sabe de que? Aquele monte de gente, se vinha 20, na outra vez vinha 30... na outra vez vinha 40... outra vez vinha 50... até um homem velho como Zé Machado, Edivaldo... o povo da Baixa do Galo... lá de longe vinha... vinha... vinha da Serra do Cruzeiro... quando a gente pensava que não, tava o terreiro cheio. Ai as meninas, chega mamãe... eu digo: muier cria juizo que a gente tem cumer pra esse pessoal morrer entupido. Que eu fazia muito bolo... fazia muito bolo... fazia muita pamonha. Que a tradição de comida para o São João é pamonha e bolo, né? E mungunzá. Eu fazia mungunzá... porque comida... a tradição de comida de fogueira é comida de milho. Aí ele matava um carneiro, quando acabar botava assim... duas três bandeja, butava numa só não. Por que se você fosse pegar ali, duas três pessoa pegasse, os outros não pegava, botava em três quatro travessa assim na mesa... essas travessa assim roxa que tem... ai um ficava ali... outro vinha pra aqui... outro vinha pra aqui... todo mundo pegava da comida. Do outro dia por diante [trecho inaudível].

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E eles atiravam em comemoração a alguma coisa?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Não! Num atirava dando valor e nem falando ninguém não... só era viva São João, viva São Pedro e tei... outro era viva, São João, viva São Pedro e tei... Eu aqui pegava o meu e eu digo: viva a dona da casa que cuidou de cumê procês cumerem... por que ninguém sabia louvar isso, né?! Ia todo mundo simbora e eu ficava... as minha fia ia tudo pra casa delas, umas delas era casada, e eu ficava ali até meia-noite... lavando aqueles pratos... aquela louça que é guardada ninguém usa sem lavar, né? Lavando, botando em cima da mesa, cobria com um pano e arrumando tudo, para no outro dia cedinho, quando eles chegassem... quando saia eu ira arrumar de novo, lavar aqueles pano que sujou, cuidar daquelas comida, quando eles vortava de novo eu tava no pé... eita cumpade Zé Bimbarra... [disse saudosa] ainda vou levar cumade Helena, cumade Helena morreu... ainda vou levar cumade Antônia pra lá pra noite de São João ela passar a noite atirando. Digo: o senhor da a porva? ele disse: dou a porva e dou a comida a noite todinha, Mas ela infartou [palavra inaudível devido a interferência de vento], num tive mais esse gosto de vê isso não. Cumade Helena também gostava muito disso.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Ela era esposa de quem?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Ééé... mas eu sempre pedia a Deus. Senhor... é uma coisa que já... meu fii já se queimou-se, ante que acontecesse outra coisa, Senhor... cirmei... disse sabe... não de por morte e nem por doença [trecho inaudível] aconteceu... ele mesmo chegou e me dixeu: rapaz de hoje por diante com fé em Deus eu não atiro mais... eu digo oxéé o que foi que houve? disse: covardia... todo mundo vim pa minha casa cumê e beber. Sim, minha fia e bebida?! Que ele comprava pra dá a esse povão, os que bebia cachaça, bebida cachaça, quem num bebia cachaça era um refrigerante... [palavra inaudível] pra quem não bebia. Era fraaaanco...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Então a sua era a única casa que tinha fartura para quem chegasse?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Graça... pá quem chegasse. Inda hoje mermo... fazer quinem a históra... vou fazer uma edição... vou... todo o ano eu festejo pá São Sebastião, mas faço comida pra todo mundo cumê. Eu digo assim: Deus me deu, Deus me dá, o pão de cada dia pra nunca fartá, pra eu e minha famia tudo que é fii de Deus que na minha casa chegar. Puque se Deus me dé, eu num sei dizer... eu tenho uma coisa dento de casa... dizer vó tem isso? Tenho não meu fio... isso aí é uma traição que a gente tá fazendo com nosso Senhor Jesus Cristo, dele dá e a gente negar... e num quero... eu nunca pedi recuso a Deus não e nem peço. Sabe o que é que eu quero de Deus? Saúde, paz pa minha família, perdão e a salvação quando eu morrer e meu pão de cada dia. Eu queri recurso pra quê? Pra amanhã e depois tá o pessoal se cumeno, se matano, se morden? [disse em voz alta] Nãããã... que quiser ter as coisa, óói... trabalhei muito minha fia... trabalhei muito de roça, na enxada limpano mato... buchudona... ia pra Serra do Cruzeiro, quando era de noite... quando era no outro dia eu... de noite o nenén nascia... trabalhei muito mas graças a Deus tô com meus três filho home casado, minhas cinco filha mulher casada. Todas cinco me ama, me quer bem, me ajuda. O ajudar que eu digo num é me dá dinheiro, me dá as coisa não. É uma filha que diz assim: chegou o natal, São João, [palavra inaudível] uma coisa, pega sempre... oia mamãe vamos ajudar... compra isso compra aquilo... oia mamãe... eu num preciso não minha fia... não minha filha. Não, mãe... nós qué dá... Todo ano vem de Rio de Janeiro me avisitar, vem de Vitória me avisitar... prazer eu tenho na minha vida cum as minha fia, né?! Pra que coisa melhor na vida que isso? Querer riqueza pa amanhã e dipois o pessoal tá se cumeno, se matano? Cê acha que isso é certo?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Não!

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Mode dinheiro morre gente...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E desses... desses anos que o seu esposo participou tem algum que a senhora lembre que deixou saudade?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Que nem o quê?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Tem algum... dessas lembranças que a senhora tem, deles... quando eles atiravam... tem alguma que lhe deixou saudade? Que a senhora lembre?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Deixou cumpade João de Suter, que ele era.. ele num era de aldeia indígena não, mas mora aqui... a família dele morava ali. Deixou cumpade Zé Bimbarra... cumpade Zé Bimbarra puque ele hoje ele num atira, tá todo aleijadim, mas também se tivesse saúde atirava. Deixou saudade [falou alto] aquele pessoal... Dedá, que era o ex-marido de cumade Maria, esse de Maria Galinheira que morreu [se refere a cunhada]. Deda ele num atirava, mas todo minha mesa ele sentava. Ali... aquilo ali pra mim era um prazer que eu tinha na vida que era um rapaz... um homem de idade, mas ele confiava nos dono da casa. Poque ninguém chamava pá ninguém vim... tadição de bacamarte, né?! E ele disse que acompanha puque confiava na gente. Pra mim isso é uma coisa muito importante, você confiar numa coisa e ser bem ricibido, viu?!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E a senhora gostaria de acrescentar alguma coisa dessas perguntas que eu fiz e que alguma outra pergunta que eu não tenha feito, mas que a senhora ache interessante consta na entrevista?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Nããão! O que eu achei muito interessante foi essa brincadera que meu cunhado contratou ela pra brincar e terminou-se e hoje tá cada vez mais pior, porque... meu cunhado tá naquela situação, né? Minha contracunhada que cuidava da brincadeira tombém... cum raiva ou sem raiva ele cuidava mode ela... [risos] ela se acabou-se. A Maria que era uma dele, da família acabou-se. E as coisas vão tudo se acabando, aquilo vão tudo diminuindo, né?!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Então a esposa de seu Zé do Bar também fazia comida?

Entrevistada [Antônia Lins Alves]: Fazia... não! [falou baixinho para corrigir] ela num fazia comida não. Ela fazia assim: ele temperava... temperava aquelas carne, deixava pra culá e ia andar, quando chegava butava o assador pa assar a carne e ali ia repartir. Num tinha cumida de bolo e disse e daquilo outo não. Era só churrasco. Ela num era ajudava não. [falou baixinho]

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Como não tem mais nada a acrescentar. Dou por encerrada a entrevista.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
 CAMPUS DO SERTÃO
 GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, ANTONIA LINS ALVES, CPF 037.176.964-75 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 08/10/2022 e transcrita em 09/10/2022 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material. Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.


 ANTONIA LINS ALVES

maria de Lourdes Alves da Silva
 Testemunha de Leitura

Delmiro Gouveia, AL 10 de outubro de 2022.

APÊNDICE – 05

Entrevista realizada no dia 08/10/2022

Entrevistado: Valério de Souza Biserra, nascido em 17/10/1967, CPF nº 026.759.064-41 – residente no Centro de Inhapi/AL.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Qual a sua ligação com o senhor José Lopes Biserra, conhecido como Zé do Bar?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Sou filho dele.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor participou do grupo de bacamarteiros do Inhapi?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Sim!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Durante quanto tempo?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Rapaz... o tempo certo eu num sei não, mas eu acho que uns doze anos por aí.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Lembra o ano que iniciou ou não?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Lembro! Eu tinha uns dezoito ano de idade. Deixei de fazer a conta... Nasci em 67... 77... 87... em 85... 1985.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Como o seu pai realizava essa tradição de atirar com bacamarte no São João?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Ele tinha os amigos dele que morava nos sítios. Ai ao redor da cidade, né?! E... eles começaram indo de casa em casa. Chegava na casa de um ia comer uma galinha, chupar uma laranja, comer umas frutas e atirar. Ai dali partia pra casa de outro, em outro sítio... e assim foram se formando e chegou uma época que tinha mais de quarenta bacamarteiros.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o senhor sabe como ele conheceu essa tradição?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Não... não lembro. Porque quando eu me entendi de gente ele já atirava... ele e minha mãe atirava e... as famílias mais conhecida de Inhapi que era os Sutero, os Criança, seu Manuel Raimundo, seu Zé Machado, as famílias mais velhas, mas antigas já brincava... os Bimbarra... eles... família tudo grande... família de dez... doze pessoas.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E até que ano seu pai praticou?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Atééé... 2014... 2012... 2012 por ai... 2012... até 2012.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E por que ele parou?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Porque ele foi ficando velho, foi se desgostando e as pessoas foram mudando, uns morrendo e esses pessoal mais novo que ficaram não tinham o respeito ou o mesmo controle que eles tinham. Que quando eles estavam brincando não se embriagavam tudo e esse pessoal mais novo já era diferente. Aí veio o falecimento do... da minha mãe, da esposa dele. Ai depois disso ele parou de vez.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Tem algum outro parente que tenha participado desse grupo também?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Tinha os irmão dele... tio Zenário, o filho de tio Zenário, o Cicinho. Éééé... Zé Lopes... que eu lembre tinha eles.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Seu filho chegou a participar também?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Tinha meu filho Antony...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Seus sobrinhos?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: O outro meu sobrinho Samuel, filho da minha irmã América, também participava... Luciano, outro sobrinho meu, filho da minha irmã Maria, já falecida. Inclusive tem foto deles três com o avô, nós quatro, né?! Pai, o filho e dois neto.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Durante esses anos o grupo de bacamarteiros teve algum reconhecimento por parte da Prefeitura?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Reconhecimento eu não lembro. Eu sei que quando era época de... de... que tinha festa na Prefeitura... quadrilha... essas coisas, que faziam festa junina, eles pediam pra eles se apresentarem. Ai isso foi no governo de Oberdan Tenório Brandão e no governo de Renato Alves Costa. Aí eles se apresentavam no centro da cidade, dando tiro... mostrando como era... tudo...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor lembra o ano desses dois governos?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Lembro! Ééé... o governo do... do... do... do Oberdan Tenório Brandão... o governo do... do... do Oberdan Tenório Brandão começou em 97, ai teve dois mandatos que terminou em 2004. Ai quando foi em 2005 a 2008 foi o governo de Renato Alves Costa que também pedia pra eles se apresentarem. Ai já no terceiro mandato de 2009 a 2012, o... o prefeito Oberdan Tenório Brandão, conhecido como Bel, ele sempre patrocinava... dava as camisas... eee... mandava fazer as camisas pra dá o pessoal, pra todo mundo se vestir bonitinho... com o nome os bacamarteiro de Inhapi. Ai tinha a data do São João, o ano... e dava também o dinheiro pra comprar a pólvora. Comprava o salito, o enxofre

que era pra fazer a pólvora. Isso eles compravam em Caruaru... o material pra eles mesmo fazer a pólvora. Com o passar do tempo... já... já no final eles já tavam comprando a pólvora feita, mas muito antes eles compravam as coisas e eles eram quem faziam a pólvora.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E a arma eles compravam? ou...

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Ééé... eles compravam ou ganhavam o cano, que era de inox... ganhava as coisa... compravam as madeira e mandavam fazer. O ferreiro fazia o... a armação, o cano... eee... eles pegavam o carpinteiro... o carpinteiro era quem fazia aaa... a coronha.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E era aqui mesmo ou tinha que enviar pra fora?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Não! Era aqui da cidade mesmo. Agora o nome eu não lembro... eu sei que lembro um que era... era Zé Carapina... se eu num me engano era seu Zé Carapina que fazia esses bacamarte. Eee... a parte de... de... do... do marceneiro eu não lembro. Meu pai é quem lembra, ele que mandava fazer. Inclusive meu pai chegou a ter 12 bacamarte. Só ele mesmo... e sempre toda casa tinha um... dois... que era do pessoal que atirava... cada família, né?!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Seu pai fazia alguma ornamentação? Fazia alguma comida para receber os bacamarteiros?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Fazia todaaa... todo São João a rua que a gente morava... que ele morava... ainda mora na Avenida Senador Rui Palmeira 1057, ele enfeitava de bandeirinha a rua todinha e a fogueira mais bonita era a da gente. A gente colocava quatro pedaços de madeira... de linha... ou caibo... eee... enfeitava com... com palhas de coqueiro e... a fogueira mais bonita era a dele. E nos portões prendia palha de coqueiro e tudo... deixava bem bonito a cidade, chamava muito atenção mesmo. E quando eles saiam... que eles saiam atirando de casa em casa. Ai a última casa era na casa de meu pai. Ai quando parava... que atirava ai ia ter o churrasco... o comes e bebe... eles faziam isso noite de São João e São Pedro, já no final, porque durante o dia eles saiam de casa em casa, nos sítios. Saia de manhã e vinha chegar a noite.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E na sua opinião o que é ser um bacamarteiro?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Eita agora você me pegou... É ser um bacamarteiro ééé... gostar né?! Gostar eee... eu mesmo gostava muito, ainda gosto... é porque veio esse desarmamento veio tudo hoje a gente num pode nem dizer que tem um bacamarte, mas era muito bom, muito bom mesmo. Todo mundo gostava, chamava muita atenção, quando chegava na cidade o povo vinha só pra vê. Aí foi acabando mais porque com o tempo ééé... esse desarmamento era um maior sacrifício pra polícia poder liberar... pra poder a pessoa atirar. Ai

hoje quem tem um bacamarte é escondido pra guardar de lembrança que num... que num pode nem se apresentar porque é ariscado ir preso.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E o senhor tem? Guarda algum desses bacamarte ainda por recordação?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Eu tenho dois de recordação! Um é o bacamarte e outro é a riúna ela é diferente do bacamarte, que a riúna o... o... o... o cano dela é bem fininho, só que o tiro é grande igual o do bacamarte. Com meio cartucho... ééé... o tiro é do tamanho de um tiro de bacamarte. Ai hoje eu tenho uma riúna e um bacamarte, que... essa riúna foi quando eu comecei a atirar, que eu era crian... pivetão. E ainda hoje tenho. Ai hoje ue mandei tirar os dois ouvidos, dos dois e guardo porque se a polícia pegar vê que não tem mais serventia de nada. No tem co... num corre perigo de atirar porque ele não tem o ouvido.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E quando eles atiravam ééé... alguém ia pedir autorização na prefeitura... ooo... na delegacia ou no exército pra poder...?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Não! Só na delegacia. Na época era polícia militar. Só era falar com o sargento da polícia militar, o sargento vinha as vez... na época tinha sargento que ele mermo vinha pra querer atirar... e tomar uma... tudo... e achava aquilo bonito. Ai com o tempo veio surgindo a polícia civil... ai já era com a civil... e terminou sem ter autorização por conta da Lei do Desarmamento.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E eles se apresentavam em outras cidades?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Se apresentavam! Eles se apresen... foram várias vezes pra Santa Brígida na Bahia, que lá tem muito bacamarteiro, não sei se ainda tem. Ai eles iam pra lá... em Santa Brígida na Bahia.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E aqui em Alagoas eles chegaram a se apresentar em alguma outra cidade?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Não! Que eu lembre só aqui... aqui em Inhapi mesmo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O senhor gostaria de acrescentar algo sobre o que a gente conversou que eu não cheguei a perguntar, mas que ache interessante constar na entrevista?

Entrevistado [Valério de Sousa Biserra]: Gostaria! Eu gostaria que voltasse... que fosse legalizado... que a Prefeitura tivesse uma Lei e uma data específica pra eles se apresentarem... no São João ou numa festa de padroeira mermo... qualquer coisa. Porque muito deles ainda tem esses bacamarte guardado, mas num tem como se apresentar, como eu disse, por causa dessa Lei do Desarmamento. Ai ninguém vai querer se prejudicar, mas se... se isso

acontecesse muita gente ainda vinha... atirar... e hoje mais fácil porque hoje a pólvora você já compra pronta em Caruaru. Se quiser comprar sua pólvora só é encomendar... vem... já tem seu bacamarte isso é coisa fácil.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Pronto! Como mais nada tem a acrescentar, dou por encerrada a entrevista.



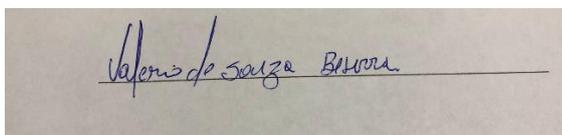
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH/ C) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, VALÉRIO DE SOUZA BISERRA, CPF nº 026.759.064-41, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 08/10/2022 e transcrita em 11/10/2022 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Vanessa Biserra Pereira. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH/ C) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.



Delmiro Gouveia, AL 11 de outubro de 2022.

APÊNDICE – 06

Entrevista realizada no dia 09/10/2022

Entrevistada: América Beserra dos Santos Pereira, nascida em 12/10/1966, RG nº 3.875.844-0 SSP/SE, residente no Bairro Nossa Senhora da Saúde em Piranhas/ AL.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Qual a sua ligação com o senhor José Lopes Biserra, conhecido como Zé do Bar?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Ele é meu pai.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Por que seu pai tem esse apelido?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Porque ele... ele era comerciante de um bar.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Conte-me como o seu pai festejava o São Joao.

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Era... reunião com vários amigos pra atirar em redor das fogueira, tanto na casa dele como na casa dos amigo... ele ia.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Por que seu pai parou com essa tradição?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Depois que ele ficou mais... sofreu um acidente de... de... na perna e... ele ficou sem condições de andar e a velhice também foi chegando... e ele com problema de... asma... de cabeça também e num... conseguiu mais atirar.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Como ele conheceu essa tradição de atirar com bacamarte?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Um amigo dele que tava lá... era... eu esqueci o nome do moço que tava lá com ele e ele começou atirando... Zé Vieira começou a ir com ele atirando e foi juntando mais amigos e começou com essa tradição ai do São João.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como ele realizava essa festividade?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Como assim realizava... o... o... como ele brincava lá?

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Como ele combinava com o pessoal?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: No dia das feira, ai era o povo dos sítio vinha lá... na... no estabelecimento dele e eles combinavam qual é a casa que ia no dia do São João ou no dia do São Pedro. Ai ele... quando eles combinavam... ele ia a noitinha... eles atirava de noite na casa de pai e no amanhecer eles iam pra casa dos outo... lá... ai lá eles passavam o dia e até a noite indo pra casa de um e de outo... ai comiam, almoçavam e tirava... brincava...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E a pólvora era seu pai que fabricava?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Com... era... ele... ele... fabricava em casa junto com seu João de Suterio, o meu tio Zenário... eles sempre ajudavam pai... a fabricar a pólvora.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Quantos dias antes eles começavam a se programar? E a fabricar a pólvora?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Ah... a pólvora é... é... era bem um mês antes... praaa... ia fabricando... ia... e... marcava com... cons... meu tio e seu João de Suterio na... comprava o... o material e eles iam... e ajudavam e ir fazendo e guardando. Eles faziam antes até... pra o outro ano... quandooo... sobrava ele guardava.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E a senhora já viu eles fazendo alguma vez? Lembra que material ele usava?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Já... Já... era calvão... pegava o calvão pisava no pilão... todim... ficava só o pó, ai depois que penerava, pegava numa... numa vasilha... lá... uma... uma panela grande colocava era... o álcool, salito e o calvão e fazia uma mexida lá... e... eu vi uma vez só eles... botava no fogo, ai depois botava pra secar no... no... numa papelão grande assim que até um... um... um... aqueles... papelão que era aquelas forma...aquelas... papelão que vinha aqueles bacalhauzão. Eu me lembro que ele colocava uns jornal naquilo lá... e botava umas peda pro vento num... num levar. Aí botava no sol... depois de tá seco, que ele via o ponto que tava seco eles ia fazer os cartuchozinho. Ele tinha umas medida... tinha um... um... tinha um palzinho pra enrolar... o...fazer o cartucho com aquele pauzinho, ai tinha aquela medida certa já... e colocava e dobra e colocava nas mochilinha... nos bornazinho... que ele dizia era borná... é isso ai...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como eles se vestiam? Tinha alguma farda? Ele usava algum... alguma bolsa pra colocar as...

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Pra proteção deles... na... geralmente era com... com... calça jeans, sapato e manga cumprida e um bornazinho. Depois que eu parei... da... de brincar com eles, ai eles fizeram... um tempo lá eles fizeram uma farda lá... umas blusa com nome... mar no meu tempo num... num tinha não... assim a farda não... só essa proteção mermo porque ia pros mato ai tinha que ter... essa roupa assim... mais... pra proteção.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E a senhora participou dessa tradição?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Foi uma vez só que eu fui pra Serra, mas na casa de meu pai mermo... na rua eu atirei algumas vezes.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Com que idade a senhora deu o seu primeiro tiro?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Eu acho que... deveria ter uns quatorze ano... por ai... era molecotazinha quando eu atirei a primeira vez.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como foi esse único trajeto que a senhora fez percorrendo a casa dos bacamarteiros com seu pai?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Foi... eu... ele me d... ele tarra com a... ela tarra com a riúnazinha... eu fui... eles levavam... meu pai botou uma dum lado e outra de outro... parecendo Lampião... ai foi... e levou e eu fui... como era perto... eu... eu fui com eles... na casa desse amigo... que eu não lembro agora o nome, mas eu pai nessa época ai... que eu não tô lembrada nem a época que foi, mas... pra sair mermo só foi essa vez... com eles.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como foi? O que que a senhora lembra desse dia?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Eu lembro que eu atirei e depois quando foi pra... pra carregar o bacamarte, num era eu que carregava... era pai ou então os amigo dele. Ai teve um embreagado lá que... colocou mais de um cartucho que num era... adequado pra mim... ai avisaram a meu pai e ele descarregou o bacamarte... ai é... é... meu pai veio embora comigo eee... um tio que tarra com meu pai também... por causa desse indivíduo... ai eu parei... nunca mais eu... eu quis brincar não.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Por que tinha algum risco? Se a senhora tivesse aaa... atirasse?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Tinha algum risco sim pra mim. Ai eu também operei do ouvido... ai também num... num pude mais brincar não... eu parei de vez.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Havia outras mulheres que participaram do grupo?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Nãã... nessa época ai só tava eu... eee... as mulher dos outro amigo de pai atirarra na casa delas... mas eu num cheguei a ver não.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E sua mãe e seus irmão participaram?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Minha mãe, não! Minha mãe só ficava só atentando na cozinha... eee... meu irmão participou sim... ajudou muito meu pai nesse tempo ai...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Qual o nome dele?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Eee... Valério... e... só um dos meus filhos... o primeiro filho foi que... que aju... que atirou com meu pai eee... brincava lá.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Qual o nome do seu filho?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Samuel... só esse, mas depois... as... as outras minha filha não... que ai eu... como eu fui... evangélica... ai num fui mais não... eles num... elas num... ela num conheceu não essa... brincadeira não.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: O grupo viajava pra outras cidades?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Depois que eu sai da casa de pai, que eu casei... eu lembro ele viajou pra Santa Brígida... que eu vi um vídeo... eee... pra Delmiro pra casa da minha irmã... pra casa daaa... é foi minha irmã mermo... um lugar que teve lá...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E como era que... ééé... tinha aquela brincadeira que eles atiravam na fogueira?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Aaaah... a brincadeira da fogueira... ah eles combinava pra o dono da casa tá esperando eles, né?! Sempre tá atento, porque seu num chegasse lá e não tivesse ninguém... é... esperando eles... eles... atiravam dentro da fogueira... espalham a fogueira todinha. Ai teve um camarada lá que dormiu no ponto eee... num ficou atento e eles pegaram eee... atiraram dentro da fogueira dele... "eu num disse que vinha... você dormiu no ponto, rapaz"... ai era bagaceira feia [risos] ai... essas... essas brincadeirinha que eles fazia com ele. Sempre pregava de supresa. Quando ele marcava uma casa pra pegar de supresa... ai ele... ele dizia "oi a gente vai subir a Serra e a gente vai pega nego de supresa... de calça cuuurta"... ai... caba que num visse... num ficasse de atento de onde era que tava vindo os tiro... pela vizinhança... pegava mermo de... de supresa.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E tinha alguma dança? Alguma musica que eles cantavam?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Eu me lembro... e... e já vi também... no tempo dai de meu filho... eles... tinha uma dancinha que eles faziam... e eles cantavam um... umas musicas que eles inventava lá na hora... só... sobreee... repente né?! falando sobre o dono da casa, falando sobre a riúúúna... tipo que eu num sei cantar, não isso, mas eraa... era dançando e cantando e balançando um... um... um... é... um objetozinho de... de... que tem uns negócio dentro que eu já esqueci o nome...

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Chocalho? Maracá?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Maracá... balançando... e tinha até um que tava com... com um via... viajelo... realejo... sei lá... que eu vi já... [disse passando a mão na boca como se segurasse um objeto]

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Gaita?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Gaita! É... uma gaitazinha... e... e... teve um senhor que uma vez eu vi que ele tava com uma sonfona... mas isso foi lá em casa... na casa de pai... tarra com uma sofona... e... tava... tempo de quadrilha também... nessa época... ai... nesse... nesse dia teve um... um negócio lá de quadrilha... ai tinha um povo dançando... mas eles tinha... ééé...eles fizeram umas dancinha nesse tempo.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: E seu pai fazia alguma ornamentação na casa?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: Fazia na fogueira... oxe... fechava a rua com bandeirinha... a... a avenida... a frente da casa dele... do comercio... da casa mermo onde tava a fogueira... com palha e bandeirrolazinha de... de... de plástico.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Então a última pergunta: a senhora gostaria de acrescentar algo sobre o que a gente conversou que eu não cheguei a perguntar, mas que ache interessante constar na entrevista?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: É que se... eles tomasse... é... alguma providencia pra que no aaa... no aaa... no acabasse é... ééé... essa tradição... esse... essa brincadeira... porque tem muitaas... ééé... muita gente que... que era muito feliz nessa época... brincava muito e... pra que... essa geração nova vesse, né?! essa tradição que eles tinham lá do bacamarteiro... que eles deixasse... fizesse um... um... dia específico dessa brincadeira... e num acabasse, né?! eu num sei exatamente dizer como é que... que podia... podia ser esseee... essa tradição.

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Um dia pra homenagear?

Entrevistada [América Beserra dos Santos Pereira]: É... um dia pra homenagear mesmo... rum... que eles num deixasse acabar. Ter o dia no São João... o dia dos bacamarteiro... nessa cidade de Inhapi. Por que é o lugar que eu... que eu vejo que tem mais... ééé... esses evento é lá em Inhapi. Num me lembro de outro lugar. Que na cidade mesmo eles pararam, mas tem muita gente nos sítios lá que ainda brinca. Ai... é isso!

Entrevistadora [Vanessa Biserra Pereira]: Pronto! Como mais nada tem a acrescentar, dou por encerrada a entrevista.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, AMÉRICA BESERRA DOS SANTOS PEREIRA, CPF nº 130.274.378-36, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 09/10/2022 e transcrita em 12/10/2022 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

América Beserra dos Santos Pereira

Delmiro Gouveia, AL 12 de outubro de 2022.